



FAROL
— SANTANDER —
SÃO PAULO

CÍCERO DIAS

com açúcar, com afeto

Curadoria Denise Mattar

Ministério da Cultura, Emdia e Santander apresentam

CÍCERO DIAS

com açúcar, com afeto

Curadoria **Denise Mattar**



De 24 de janeiro a 27 de abril de 2025



Patrocínio



Produção



Realização

MINISTÉRIO DA
CULTURA





O Farol Santander tem orgulho em apresentar ao público a obra de Cícero Dias, artista emblemático do modernismo brasileiro, cujo trabalho transcende fronteiras e dialoga com as vanguardas internacionais. Sua arte, marcada por uma paleta de cores vibrante, reflete as paisagens e a cultura nordestina, evocando a essência lírica do Estado de Pernambuco.

A obra de Cícero Dias é permeada por uma constante experimentação e uma busca incessante por novas formas de expressão. Sua participação em exposições internacionais e a presença em coleções de museus renomados atestam a relevância de sua contribuição para a arte moderna. Ao longo de sua carreira, Dias manteve um diálogo profícuo entre o local e o global, entre o figurativo e o abstrato, construindo uma poética visual singular que continua a inspirar e instigar reflexões sobre a identidade e a universalidade na arte.

Essa circularidade da obra do artista é a abordagem adotada na exposição pela curadora Denise Mattar, que contou com a consultoria de Sylvania Dias, filha do artista. A mostra apresenta 42 obras que provêm de coleções particulares e museus, proporcionando ao visitante a oportunidade única de ver reunidas pinturas de difícil acesso, que estão espalhadas pelo país.

Cícero Dias faleceu em Paris, em 2003, deixando um legado que permanece vivo nas cores e formas que evocam tanto o calor tropical de sua terra natal quanto a sofisticação das vanguardas europeias. Sua trajetória artística é testemunho eloquente de como a arte pode se transformar em uma ponte que conecta culturas, tempos e espaços distintos.

Ótima visita!

Maitê Leite

Vice-presidente Executiva Institucional



Alegria, déc. 1970 (detalhe)



Sumário

Texto curatorial	05
Obras	09
Cronologia	56
English version	68

Jogos, 1928 (detalhe)

CÍCERO DIAS — com açúcar, com afeto

A atmosfera do engenho era mágica. Eu não podia fugir ao meu destino. Surreal latente, vivo, real.

A exposição *Cícero Dias – com açúcar com afeto* é um convite a penetrar no universo único do artista, no qual as cores e formas dialogam com as recordações de infância, em íntima celebração de suas origens pernambucanas. Nascido em 1907, Cícero Dias fez uma surpreendente aparição no cenário artístico brasileiro em 1928, e, em 1937, mudou-se definitivamente para a França. Embora tenha vivido 70 anos em Paris, onde foi amigo de Pablo Picasso, Paul Éluard, Alexander Calder, entre outros, Cícero Dias nunca esqueceu o engenho Jundiá, onde nasceu. Essa vivência marcante reverberou em todo o seu trabalho, e está na origem de uma obra inteiramente original, que sempre desconcertou a crítica.

Sobre o artista escreveram alguns dos mais importantes críticos de arte, tanto no Brasil quanto na França, e todos revelam fascínio, respeito, encanto e perplexidade. Manuel Bandeira fala da “abracadante” exposição de 1928; Mário de Andrade escreve a Tarsila, em 1931, dizendo que Cícero iria “rachar as paredes” da Escola Nacional de Belas Artes; o francês André Salmon, em 1938, por ocasião da primeira exposição em Paris, na Galerie Jeanne Castel, o chama de “selvagem esplendidamente civilizado”; Mário Pedrosa, o patriarca da moderna crítica brasileira, observa, em 1948, “um homem contraditório e instintivo”; Pierre Descargues, jornalista do programa France-Culture, o descreve, em 1987, na

apresentação para mostra na Galerie Denise René, como um artista “exigido por sua pintura”.

O brilhante filósofo Pierre Restany o enxerga como um “marginal, inimigo das categorias aprisionadas e dos extremismos de generalização”, mas vou me deter na análise do saudoso Roberto Pontual, escrita em 1984, por ocasião do lançamento da *Suíte Pernambucana*, e naquela do influente Philippe Dagen, crítico de arte do *Le Monde*, realizada para a exposição na Galerie Marwan Hoss, em 1994.

No texto “Cícero Dias: Os Anos de Descoberta”, Pontual destaca a relevância histórica e artística de Cícero Dias como uma figura central da arte brasileira moderna, cuja obra reflete as contradições e conquistas do século XX. O autor analisa os primeiros anos de produção do artista, período no qual ele definiu a especificidade de sua linguagem visual e lançou as bases de sua trajetória artística. Pontual atribui à vivência de Dias no engenho natal de Pernambuco um papel fundamental na formação de sua obra, permeada por memórias sensoriais e elementos oníricos. Seus primeiros trabalhos, como *Eu vi o Mundo, Ele Começava no Recife* (1931), sintetizam uma fusão entre o rural e o urbano, o passado e o futuro, o sonho e a realidade, marcando sua contribuição para o modernismo brasileiro. O autor posiciona Cícero como parte de um “triângulo surrealista” ao lado de Tarsila do Amaral e Ismael Nery, enfatizando sua visão lírica e sua exploração simbólica da sexualidade, do amor e da morte. Ao analisar os desenhos e aquarelas do período, Pontual identifica neles a narrativa de um “ritual de passagem”, simbolizando a transição da infância em Pernambuco à maturidade artística e pessoal. A obra do artista, segundo o crítico, é um marco na

história da arte brasileira e deve continuar a ser revisitada com admiração e interesse.

A primeira frase do texto de Philippe Dagen para a exposição *Images au Centre du Songe*, é: “Cícero Dias é inexplicável”. O autor explora a singularidade da obra do artista, destacando sua “inclassificabilidade” dentro da geografia, cronologia e genealogia da arte. Embora nascido em Pernambuco e imerso na modernidade do Rio, Dias não incorporou elementos folclóricos do Brasil ou influências diretas da arte moderna europeia, resultando em uma obra que escapa a paralelos evidentes. Suas criações dos anos 1920 são descritas como enigmáticas e oníricas, resistindo a explicações simplistas, sejam culturais, psicanalíticas ou esotéricas. Dagen observa que a complexidade e o refinamento das aquarelas de Dias rejeitam interpretações que as vinculam a alucinações ou modismos da época. Um enigma, cuja solução poderia estar na pista dada ao crítico pelo próprio Cícero: suas visões teriam origem em um “imaginário coletivo”, uma “pré-história da arte” — um lago subterrâneo das origens, onde se encontram mitos, obsessões e fantasias universais. Dagen conclui que Dias, ao mergulhar nesse universo oculto, trouxe à tona imagens inesquecíveis de sua breve jornada ao “centro do sonho”.

Os dois críticos reiteram a singularidade da obra de Cícero e, principalmente, o momento fundador que está presente em todo o seu trabalho, mesmo quando ele reflete as “contradições e conquistas do século XX”. Um artista realmente original, que, na sua longa e prolífica carreira, manteve, como poucos, a fidelidade a si mesmo, e que sempre ousou fazer o que lhe dava vontade, sem medo das críticas. Assim ele transitou da aquarela para o óleo, da simultaneidade catártica para registros memorialistas,

da explosão "fauve" para o abandono da figura, da abstração plena para as manchas, e dali, para um retorno à figuração.

Em 2002, o escritor Mário Hélio Gomes de Lima, membro da Academia Pernambucana de Letras, em seu texto, *Cícero Dias – Uma vida pela pintura*, refletiu sobre a suavidade e a harmonia presentes na produção final de Cícero Dias. No texto, ele destaca o equilíbrio entre exuberância e serenidade das figuras femininas, que evocam uma pureza e um frescor idealizados. O autor identifica nessas composições uma busca pela clareza e depuração. Distante das turbulências dos anos de vanguarda e guerra, Dias atinge um estado de libertação, traduzido em cores e formas equilibradas, que evocam a nobreza e a harmonia clássicas. O uso sutil da luz e da cor confere às figuras uma elegância serena, reminescente dos ideais medievais de beleza como *consonantia* (harmonia) e *claritas* (iluminação). Para o autor, o resultado é uma pintura que, embora moderna, dialoga com o atemporal, refletindo o mundo interior do artista.

O percurso de Cícero Dias, entretanto, não ocorre em linha reta, mas é circular. Inicia com as aquarelas oníricas na década de 1920, passa pelas pinturas memorialistas dos anos 1930, segue por um momento surrealista na década de 1940, exercita a abstração entre 1950 e 60, retornando então às memórias de infância e juventude - na mesma clave nostálgica dos anos 1930, com acentos surrealistas da década de 1920 e as conquistas estruturais da abstração. A exposição mantém essa circularidade criando uma leitura que não é estanque, mas simultânea e entrecruzada. As 42 obras que integram a mostra vieram de São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba e provêm de algumas das principais instituições do país, como o Santander Brasil (SP), Museu de Arte Moderna do Rio de

Janeiro (RJ), Museu de Arte Moderna de São Paulo (SP), Museu de Arte Brasileira da FAAP (SP), Instituto São Fernando (RJ), e de importantes coleções particulares. A todos, nossa gratidão.

Para melhor entendimento do público, a exposição foi dividida em núcleos. *Sonhos* apresenta as aquarelas dos anos 1920; *Recordações* traz um conjunto de sua produção de 1930 a 1939; *Novos Caminhos* é um parêntese apontando a descoberta da abstração, que ele produziu de 1940 até o final da década de 1950. *Reminiscências* reúne um grupo de obras criadas entre 1950 e 1980, encerrando a mostra. Cada um desses núcleos está detalhado neste catálogo, acompanhado de imagens das obras.

Reiteramos que a exposição não é uma retrospectiva, mas um recorte curatorial, uma celebração do aspecto doce e afetuoso de Cícero Dias que nunca deixou de ser, em essência, um menino de engenho. Um artista que construiu uma ponte entre o Brasil profundo e Paris, e que manteve viva a pulsação de sua terra natal, fazendo com que o engenho Jundiá ecoasse no coração da vanguarda europeia. Em cada pincelada, Cícero Dias nos convida a sonhar, a visitar nossas próprias origens e a descobrir, na memória, que é profundamente pessoal, algo universal e eterno.

Denise Mattar

Curadora



Sonhos

Em 1928, Cícero Dias realizou uma exposição de aquarelas na Policlínica, no Rio de Janeiro, prestigiada por toda a intelectualidade carioca. O artista revelou um tipo de trabalho que não seguia nenhuma das linhas estéticas da época: não era cubista, nem impressionista, nem expressionista. Foi uma comoção, que se transformou em escândalo quando Cícero apresentou, no Salão de 1931, a obra *Eu vi o mundo...e ele começava no Recife*.

Lírico, agressivo, caótico, sensual, poético e emocionante, o trabalho de Cícero Dias nesse período era muito diverso de tudo o que se produzia na época. Ele sacudiu os nossos incipientes modernistas, estonteados pela força, a estranheza e a espontaneidade da obra de Cícero. O núcleo reúne obras realizadas entre 1925 e 1933, incluindo algumas nunca apresentadas anteriormente.

Cabaré, déc. 1920 (detalhe)

Bagunça, 1928

Aquarela sobre papel

53 x 73 cm

Coleção Tuiuiú, Rio de Janeiro, RJ

Bagunça tem uma construção vertiginosa que espelha o momento que Cícero Dias estava vivendo. Aos vinte e um anos e morando no Rio de Janeiro, o artista participava da boemia da cidade, que se estendia todos os dias até às 4 horas da manhã. Ao lado direito da obra, é possível observar o Pão de Açúcar e a Baía da Guanabara, vistos do bairro de Santa Teresa, onde ele morou, por algum tempo, na Rua Aprazível. Segue-se um casario, também típico do bairro, o campinho de futebol, e ainda a entrada de um bordel, em cuja escada o artista pinta uma mulher nua, mas sem desvendá-la inteiramente, mantendo o mistério dos casos proibidos. Essa simultaneidade de imagens que Cícero Dias compõe, de forma livre e lúdica, não tem paralelo na arte brasileira desse período, tornando sua obra única entre os modernistas.



Cena imaginária com Pão de Açúcar, 1928
Aquarela sobre papel
58,5 x 50 cm
Coleção Marta e Paulo Kuczynski, São Paulo, SP

Esta obra tem uma dedicatória ao artista Lasar Segall: "Ao meu amigo Lazar Segall com grande admiração o abraço de Cícero Dias". Temos a certeza de que ela esteve presente na exposição na Policlínica, pois, em carta a Mário de Andrade, datada, de 27 de junho de 1928, assim escreveu Manuel Bandeira: "A novidade aqui é a exposição de um rapaz de Pernambuco que vive no Rio - Cícero Dias. Uma arte profundamente sarcástica e deformadora; por exemplo, uma entrada da Barra com o fio do carrinho elétrico do Pão de Açúcar preso na outra extremidade ao galo da torre da igrejainha da Glória, e a igrejainha toda torta. Acho muita imaginação e verve nele. Entre os que entendem e pintam está cotado. No meio modernista, claro. Assim como o Goeldi; o Di e o Nery gostaram muito".



Fábula, déc. 1920
Aquarela sobre papel
50 x 35 cm
Coleção particular, Curitiba, PR





Jogos, 1928
Aquarela sobre papel
50 x 55 cm
Acervo Museu de Arte
Brasileira - MAB/FAAP

Sem título, déc. 1920
Aquarela sobre papel
51 x 36 cm
Coleção Flavia e Waldir Simões de
Assis Filho, São Paulo, SP



Cabaré, déc. 1920

Aquarela sobre papel

49,5 x 29,5 cm

Coleção Flavia e Waldir Simões de Assis Filho, São Paulo, SP

No Rio de Janeiro, a convivência entre artistas e poetas era largamente exercida na boemia. Os depoimentos de seus contemporâneos descrevem Cícero Dias como um rapaz de olhos abrasadores e incrível energia. Ele espelhava essa inquietude na sua obra, trazendo uma diversidade de elementos que se apresentam simultaneamente. É o caso de *Cabaré*, déc 1920, no qual o artista ignora a escala das figuras para enfatizar as ações. Em primeiro plano, um músico e um enorme vaso de flores; ao lado esquerdo, uma escada vertiginosa pela qual circulam um garçom e uma garçonete para atender o animado cabaré no subsolo. Pairando sobre tudo isso, uma gigantesca freira ladeada por homens de cabeça baixa compõe uma cena enigmática.



Ignorado momento, déc. 1920
Aquarela sobre papel
51 x 36 cm
Coleção Flavia e Waldir Simões de Assis Filho, São Paulo, SP



Sem título, 1933

Nanquim e aquarela sobre papel

40 x 30 cm

Coleção James Acácio Lisboa, São Paulo, SP

Numa clave fantasiosa e chagalliana, esta obra remete aos festejos do Boi Bumbá, muito marcantes em Pernambuco. A simultaneidade de elementos díspares, como as rendas, os enormes pés e a família preta, que se espanta com o que não vemos, acentua a atmosfera onírica do trabalho. Datada de 1933, a aquarela tem dedicatória a D. Olívia Guedes Penteadado, mecenas e articuladora cultural de São Paulo. Sua casa foi um ponto de encontro de artistas e intelectuais como Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, e que Cícero frequentou em suas vindas a São Paulo, talvez levado por Mário de Andrade. Em sua coleção, D. Olívia possuía outra obra do artista, datada de 1928.



Retrato de Manuel Bandeira, s.d.
Aquarela sobre papel
43 x 52,1 cm
Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio

Esse retrato de Manuel Bandeira tem uma dedicatória: "Ao Souza Barros o retrato do maior brasileiro". Na aquarela, o tímido poeta segura um ramo de violetas que hesita em ofertar à jovem nua ao seu lado. Seria ela uma representação da poesia? Ou dos desejos do escritor? Cícero e Bandeira compartilharam uma afinidade que transcendia a amizade, unindo pintura e poesia em um diálogo sensível e intenso. Quando o poeta visitou a exposição de Dias na Policlínica em 1928, ficou profundamente impressionado e reconheceu imediatamente naquele trabalho uma expressão genuína e ousada da arte brasileira. Ele dizia que a obra de Cícero era "abracadante" e celebrou o talento do jovem artista vislumbrando nele uma continuidade da experimentação e liberdade que ambos perseguiam em suas respectivas linguagens. A lírica visual das obras do jovem pintor parecia ressoar com a poética modernista que Bandeira, também pernambucano, cultivava, repleta de imaginação, memória e afetividade.





Recordações

Entre 1930 e 1939, a produção de Cícero Dias é mais lírica, voltada para suas lembranças de infância no Engenho Jundiá. Ele passa a utilizar a pintura, e a mudança da aquarela para o óleo interfere na dinâmica da criação do artista, tornando-a mais narrativa, estática e construída. Ele cria também um contraponto às lembranças rurais, mostrando as recordações urbanas do jovem Cícero no Recife. As casas coloniais debruçadas para o mar, os sobrados e seus interiores, os jardins com casais românticos...

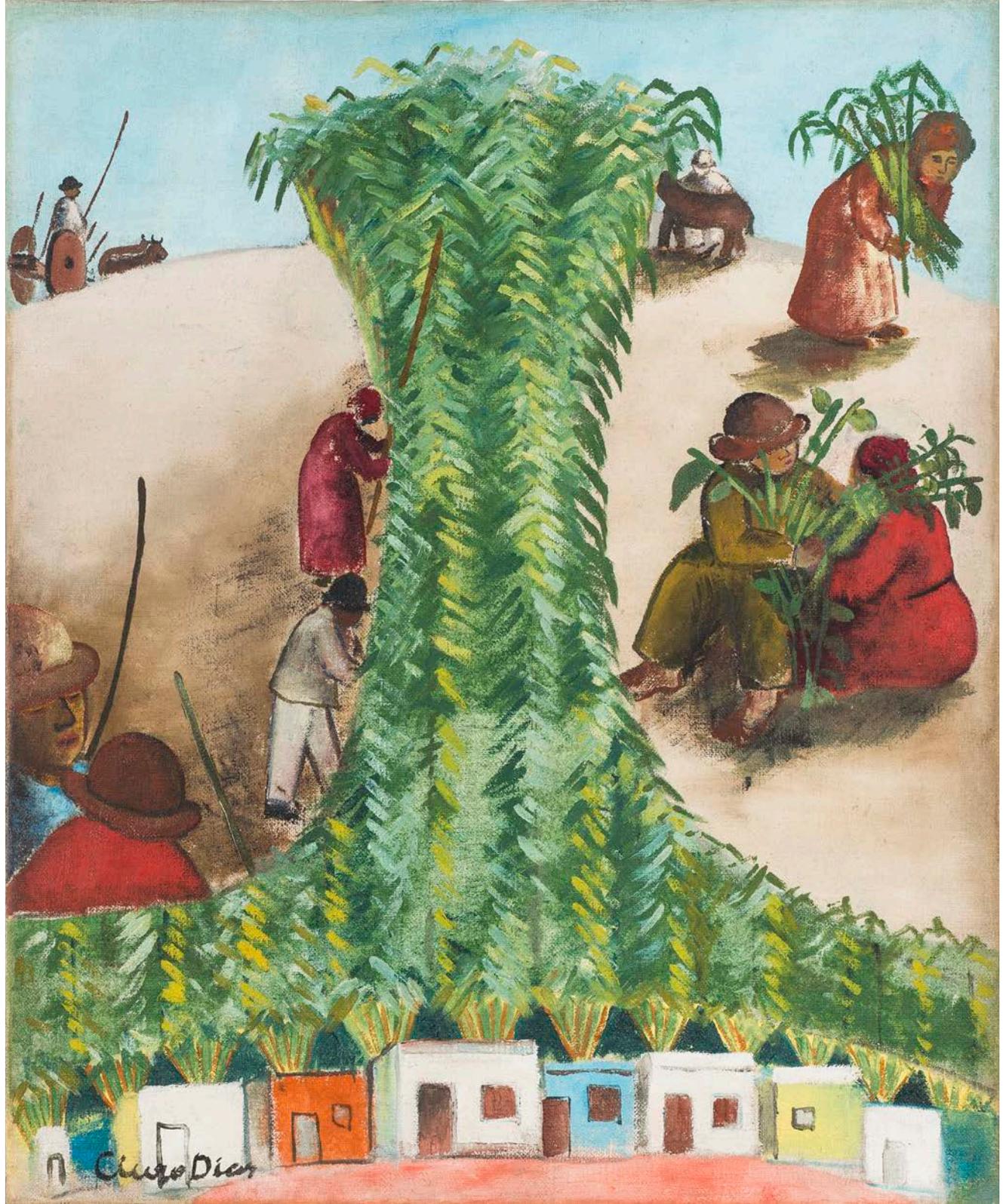
Composto majoritariamente por óleos, o núcleo apresenta as aquarelas *Os senhores das terras*, *Freiras e Meninas*, e a famosa litografia aquarelada que ilustrou a primeira versão de *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre.

Escola, déc. 1930 (detalhe)

Canavial, 1927
Óleo sobre tela
65 x 54 cm
Coleção Flavia e Waldir Simões de
Assis Filho, Curitiba, PRR

Canavial retrata o processo da coleta da cana, desde a chegada dos carros de bois até o corte e a amarração dos fardos. A composição é dividida ao meio pelo canavial, estabelecendo simultaneamente duas áreas onde se desenrola a ação.

Paralelamente, o artista estabelece dois campos de denso cromatismo, contrapondo o verde da cana e as multicoloridas casas. Na visão, sempre poética de Cícero Dias: "os canaviais são como plumas abanando-se para o céu, criando um mar, com suas águas-folhas verdes, luminosas e ondulantes".



Baile no campo, 1937
Óleo sobre tela
54,4 x 64,2 cm
Coleção Santander Brasil

Baile no Campo é quase uma seqüência de *Canavial*, mostrando uma festa, quase certamente uma comemoração da colheita. O artista também utiliza aqui o recurso de estabelecer ações simultâneas. O público que entra para o evento está representado abaixo em escala reduzida, e passa por entre os fardos enfeitados da cana, que dividem o espaço pictórico. Na parte superior da tela acontece a festividade, com músicos, decoração em guirlandas, casais dançando e figuras assistindo. Ao fundo, estabelecendo mais um plano, um cavaleiro está a caminho. As cores são intensas e marcantes, sob a luminosidade tropical.





Encontro no canavial, déc. 1930
Óleo sobre tela
45,5 x 54,5 cm
Coleção Flavia e Waldir Simões
de Assis Filho, Curitiba, PR

Escola, déc. 1930
Óleo sobre tela
65 x 54 cm
Coleção Flavia e Waldir Simões de
Assis Filho, São Paulo, SP



Os senhores das terras, déc. 1920
Aquarela sobre papel
51 x 46 cm
Coleção Tuiuiú, Rio de Janeiro, RJ



Casa grande do Engenho Noruega, 1933
 Gravura aquarelada
 43,5 x 43 cm
 Coleção particular, Curitiba, PR

José Lins do Rego dizia que Cícero Dias havia surgido, como num conto de fadas, para que todas as ideias de Gilberto Freyre sobre a pintura se concretizassem numa criatura humana. O sociólogo e o pintor foram amigos por toda a vida, e quando Freyre preparava o lançamento de *Casa-grande e Senzala*, convidou Cícero para ilustrar a capa da publicação. Os dois visitaram juntos o Engenho Noruega, já em ruínas, conversando sobre as histórias da casa, que pertencia a familiares de Cícero. O artista tirou as medidas do que restava da construção e as enviou ao arquiteto Carlos Leão, no Rio de Janeiro, para que ele preparasse a planta. Sobre ela, Cícero criou imagens que trouxeram o Noruega de volta à vida, pintando muitas histórias a partir de suas lembranças. O livro foi lançado em 1933 e marcou época, tornando-se conhecido nacional e internacionalmente por sua abordagem inovadora e irreverente para a questão das relações entre escravos e senhores no Brasil.



Sem título, déc. 1930
Óleo sobre tela
55,3 x 46,4 cm
Coleção particular, São Paulo, SP



Paisagem, c.1930
Óleo sobre tela
65,5 x 54,5 cm
Acervo Museu de Arte Brasileira – MAB/FAAP



Autorretrato na biblioteca, déc. 1930
Óleo sobre tela
72,5 x 60 cm
Coleção Paulo Kuczynski Escritório de Arte, São Paulo, SP

Autorretrato na biblioteca, realizado na década de 1930, é um óleo sobre tela no qual Cícero Dias relembra seus tempos de menino na casa do avô. A composição tem algo de sombrio e intrigante, como devia parecer ao menino essa biblioteca. Em sua autobiografia, intitulada *Eu vi o Mundo*, o artista assim a descreve: "Meu avô barão também tinha em sua biblioteca uma coleção de almanaques. Às vezes, todos amassados. Um acontecimento. Uma vida inteira dentro dos almanaques: a visão das estrelas, o trato das comidas, a receita do pão de ló, a aparição das caudas de um cometa ou como brilhar os sapatos senão com as papoulas... A vida de toda uma nação dentro dos almanaques".

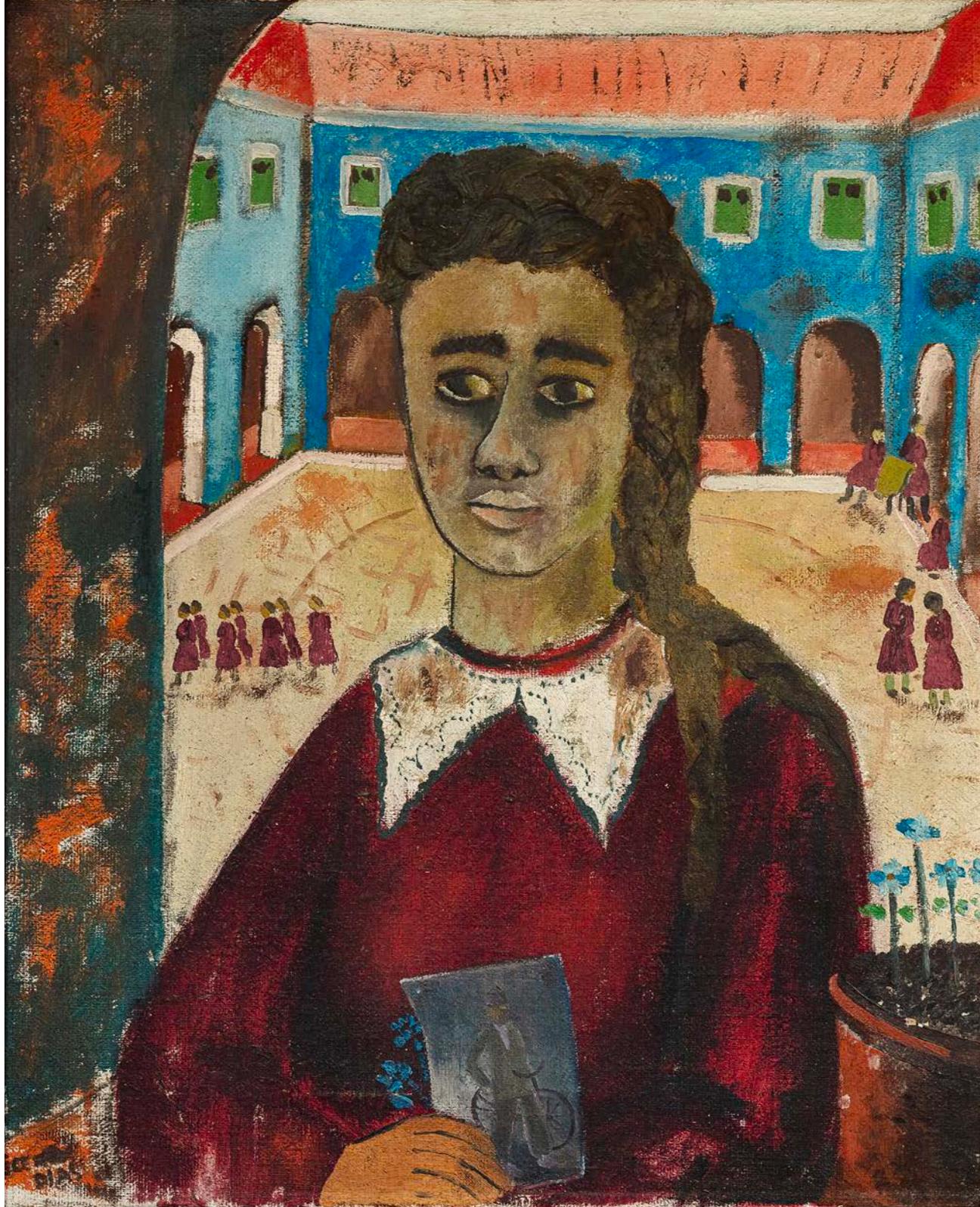




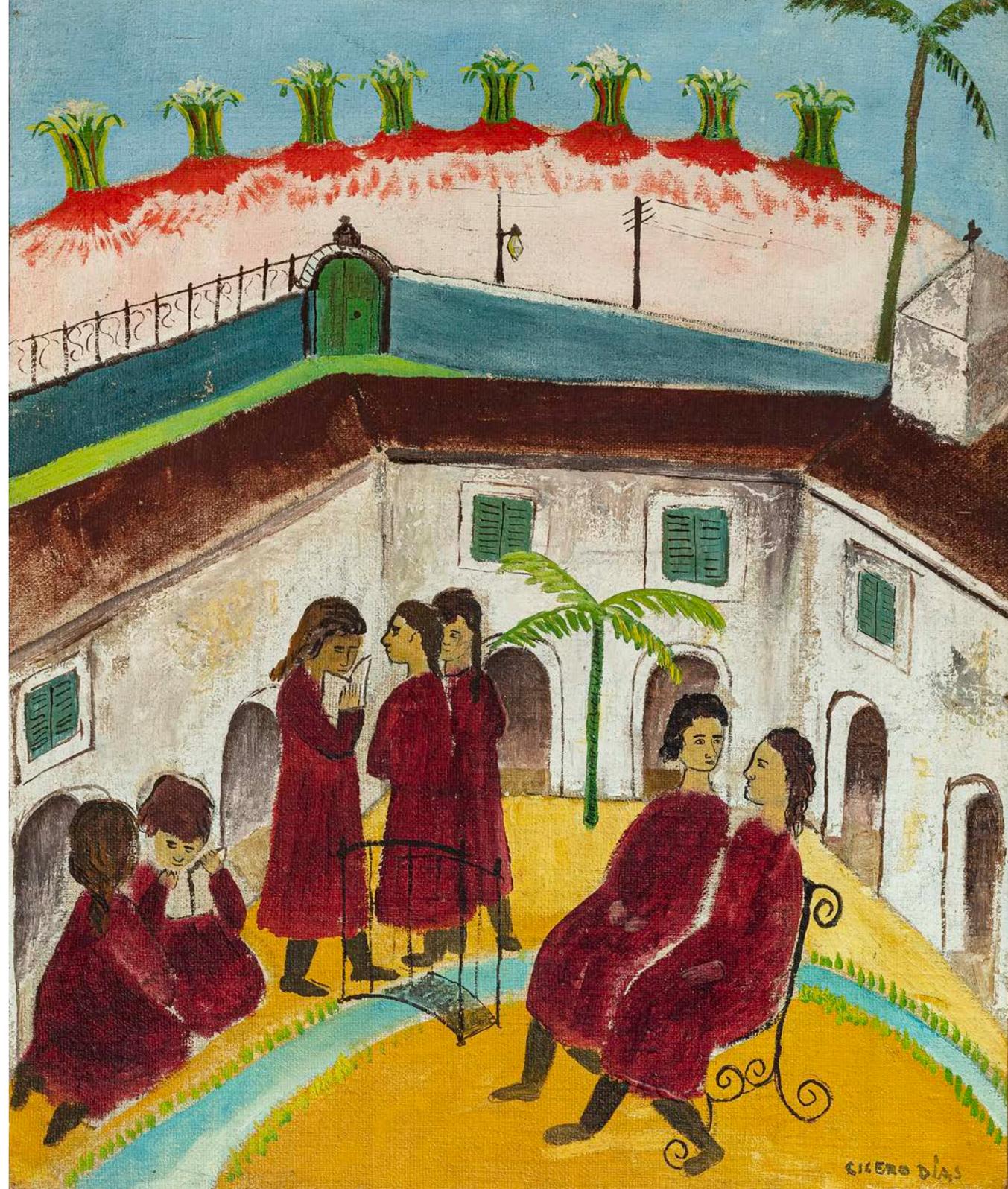
Freiras e meninas, déc. 1920
Aquarela sobre papel
48 x 66 cm
Coleção particular, Rio de Janeiro, RJ

A Órfã, déc. 1930
Óleo sobre tela
54 x 46 cm
Coleção particular, São Paulo, SP

Os filhos dos senhores de engenhos eram educados por familiares ou preceptores, mas quando chegavam à adolescência iam estudar nos colégios do Rio de Janeiro. Eles eram encaminhados para escolas católicas, em regime de internato. As meninas ficavam nos colégios de freiras como Sion e Sacré-Coeur e os meninos no São Bento. O regime educativo nesses estabelecimentos era rígido e as saídas aconteciam somente aos domingos, dias santos ou feriados. O colégio de freiras é uma constante na obra inicial de Cícero Dias. São trabalhos que emanam a melancolia sempre presente nesses lugares que reúnem crianças que tiveram que deixar suas famílias e abandonar a liberdade da natureza. A obra *A Órfã* exacerba esse sentimento, retratando uma menina com o discreto uniforme do colégio, quase um hábito religioso, enquadrada entre paredes que parecem aprisioná-la. Seu olhar desalentado revela que ela tem a consciência de que permanecerá nesse colégio por muito tempo.



Meninas no pátio, déc. 1930
Óleo sobre tela
55 x 46 cm
Coleção James Acácio Lisboa, São Paulo, SP



Casal, 1930
Óleo sobre tela
56 x 46,5 cm
Coleção particular, São Paulo, SP

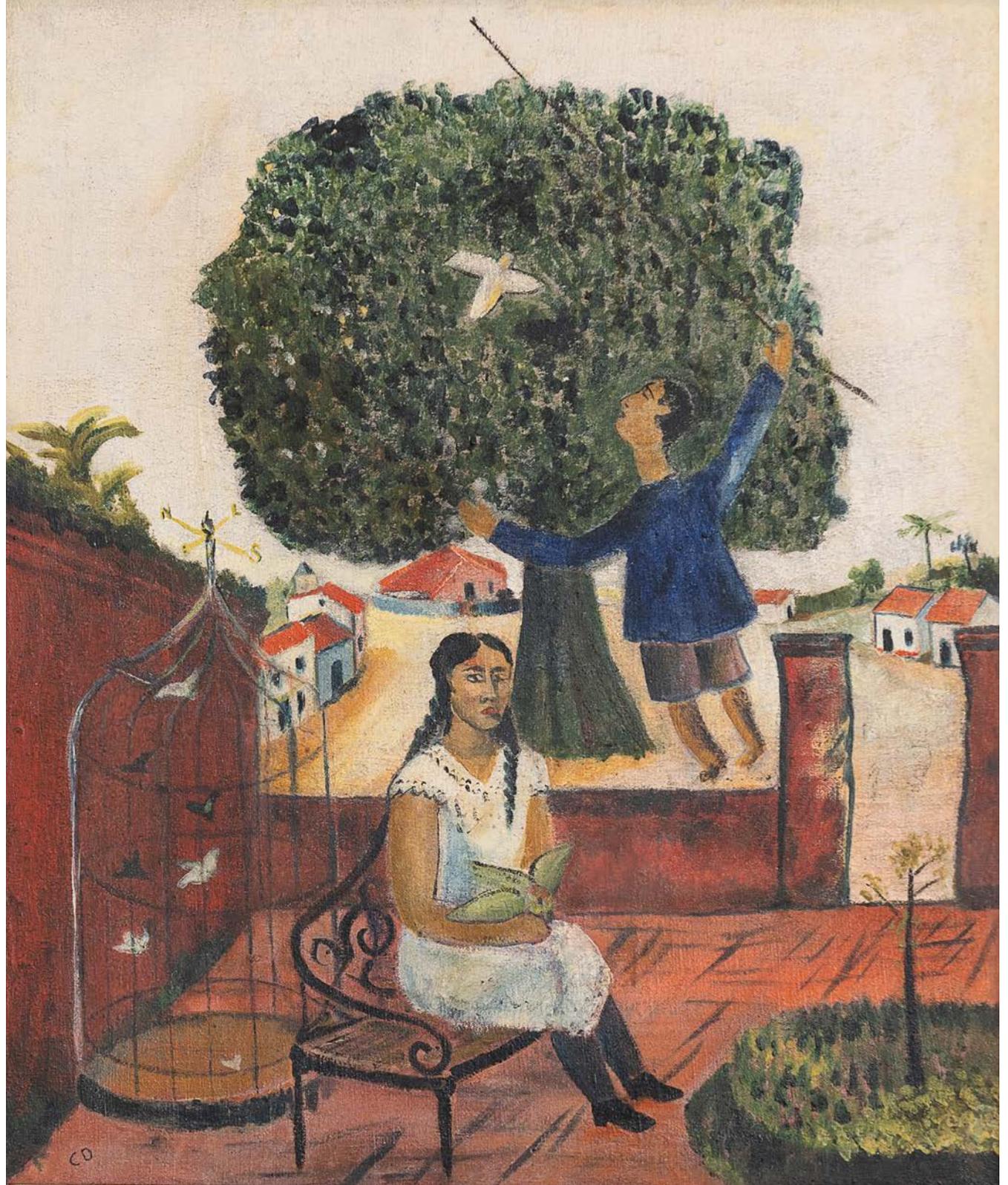


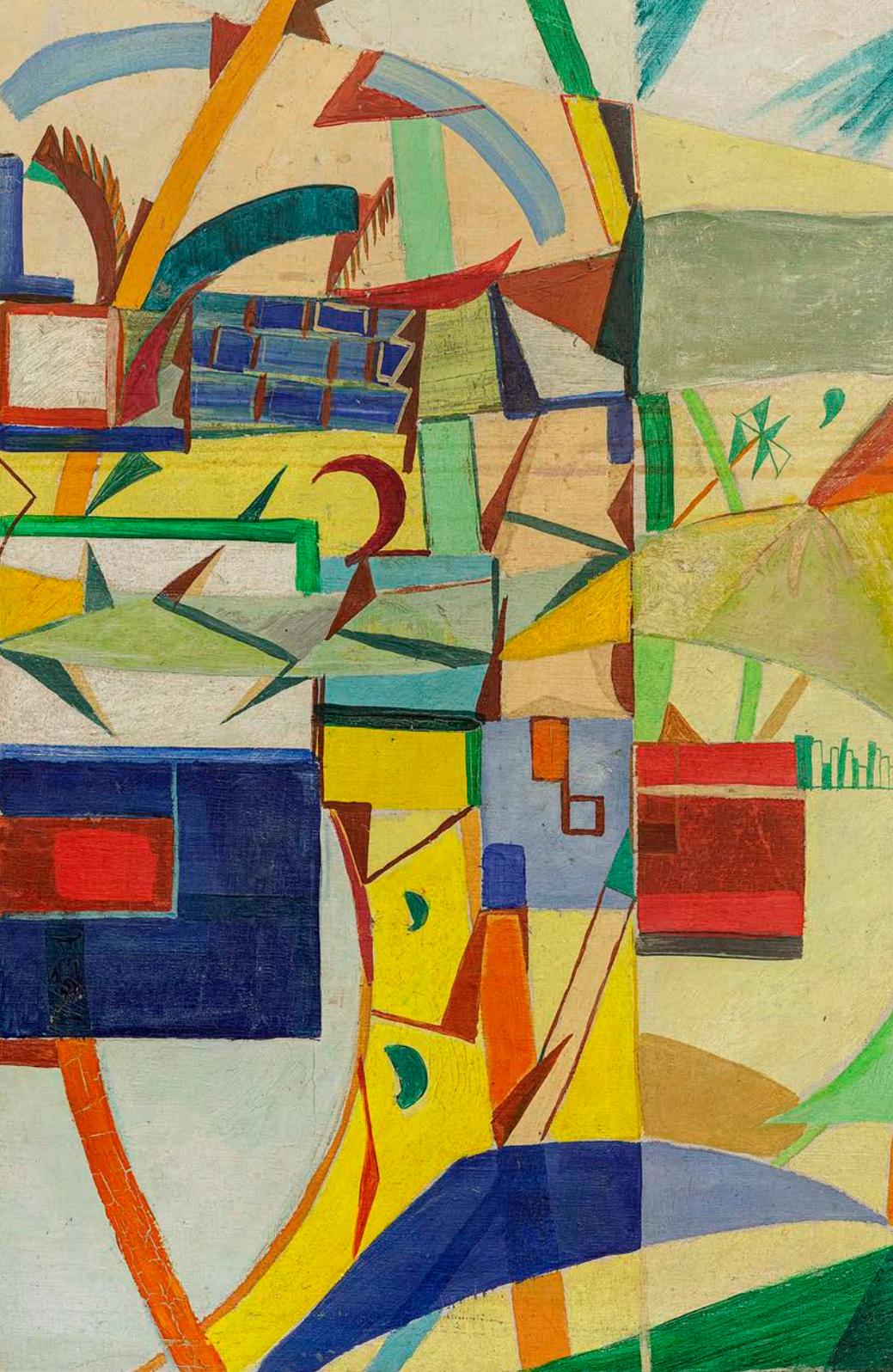
Casal com criança, déc. 1930
Óleo sobre tela
55 x 46 cm
Acervo Museu de Arte Brasileira – MAB/FAAP

Paralelamente às lembranças do engenho, Cícero registra as recordações urbanas do Recife, pintando as casas coloniais debruçadas para o mar e os sobrados característicos da cidade, com seus interiores e habitantes. Nesse retrato de família emerge o lado mais afetuoso do artista, criando uma atmosfera íntima e doméstica, captada com leveza e ternura. Vale observar como a menina se aninha ao pai, e como a cabeça da mãe se encosta carinhosamente na do marido. Dias eterniza aqui não apenas o calor das relações humanas, mas também a ambiência do terraço, com a sinuosa cadeira de ferro, a decoração de flores e a visão do mar com o coqueiral.



Vilarejo, déc. 1930
Óleo sobre tela
60,5 x 51,5 cm
Coleção Flavia e Waldir Simões de
Assis Filho Curitiba, PR





Novos caminhos

Depois de libertado, Cícero Dias segue para Lisboa, e ele e Raymonde decidem casar-se e viver em Portugal. Nessa estadia a obra de Dias sofre uma mudança radical. É um período de transição no qual um Cícero eufórico e selvagem, exorciza os fantasmas da guerra, ainda não terminada. Ele simplifica o desenho, usa pinceladas brutas, cores inusitadas e estridentes, e tonalidades intensas e brilhantes. É também o momento no qual cria múltiplas imagens superpostas, incorporando novos elementos plásticos e borrando fronteiras entre figuração e abstração. Com essa pesquisa, ele tornou-se o primeiro artista brasileiro a trabalhar com essa vertente.

Em 1948, Cícero Dias executa no Brasil uma série de pinturas murais abstratas, consideradas as primeiras da América Latina. Acolhido com entusiasmo na Europa, Cícero passou a integrar o Grupo Espace, expondo na importante galeria Denise René. Essa fase da produção do artista não é o objeto principal da exposição.

Musicalidade, déc. 1940 (detalhe)

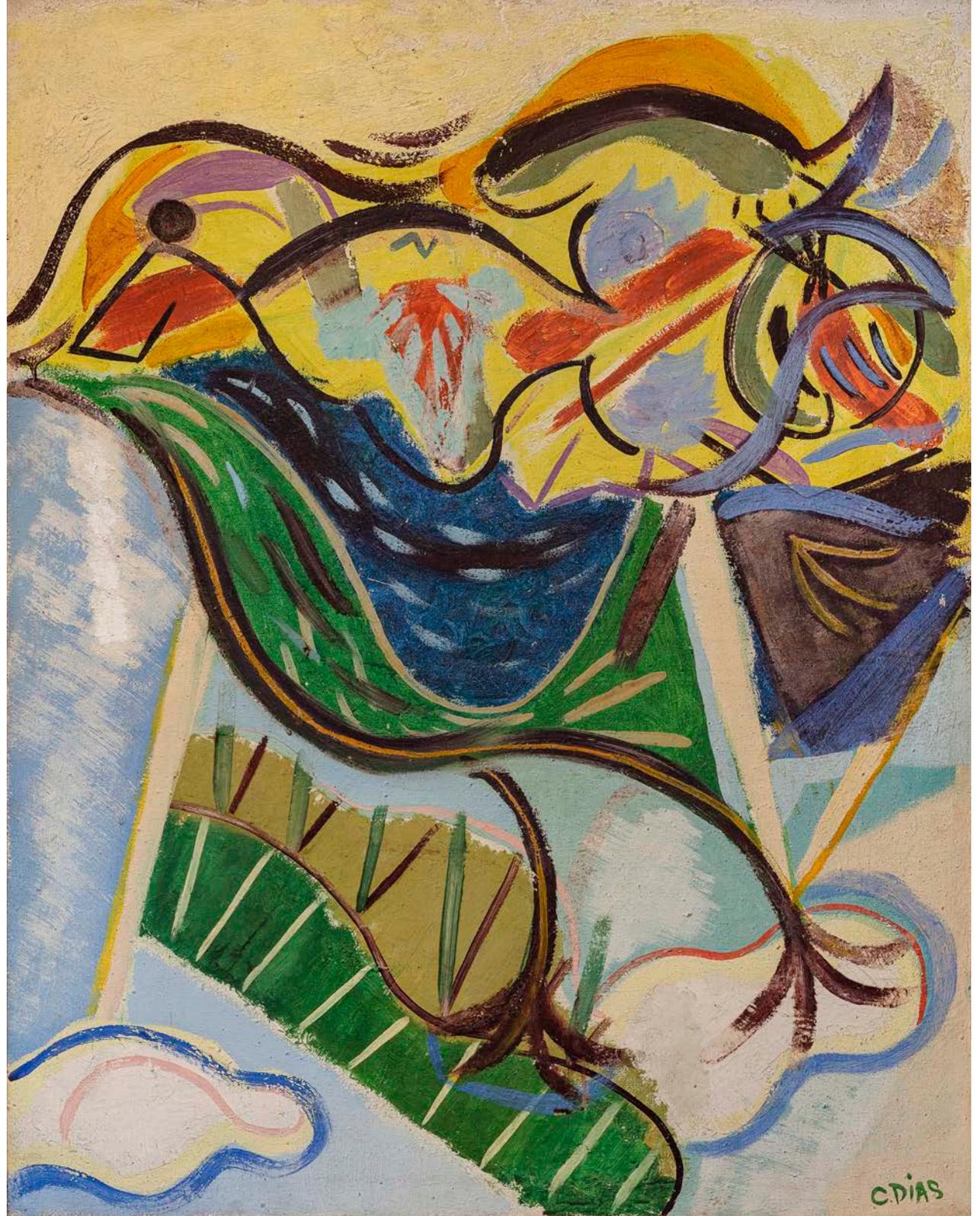


Sala de Música, déc. 1940
Óleo sobre tela
53 x 64 cm
Coleção Sofia e Sérgio Fadel Lobão,
Rio de Janeiro, RJ



Mulher na praia, c. 1944
Óleo sobre tela
64,5 x 80 cm
Coleção Gilberto Chateaubriand
MAM Rio

Pássaro, déc. 1940
Óleo sobre tela
81 x 65 cm
Coleção Daniela e Alfredo Villela, São Paulo, SP



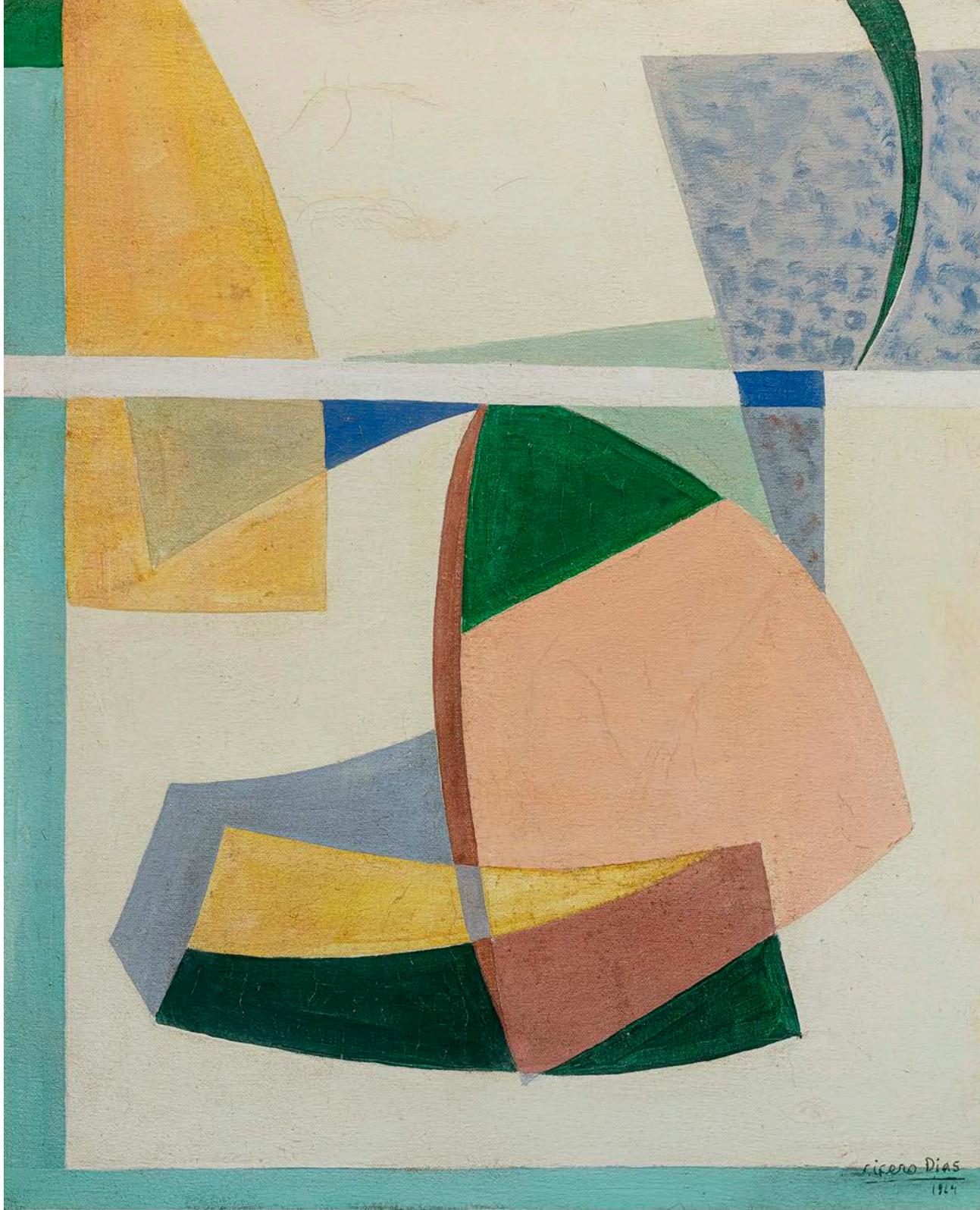
Sem título, déc. 1940
Óleo sobre tela
127 x 97 cm
Coleção particular, Rio de Janeiro, RJ

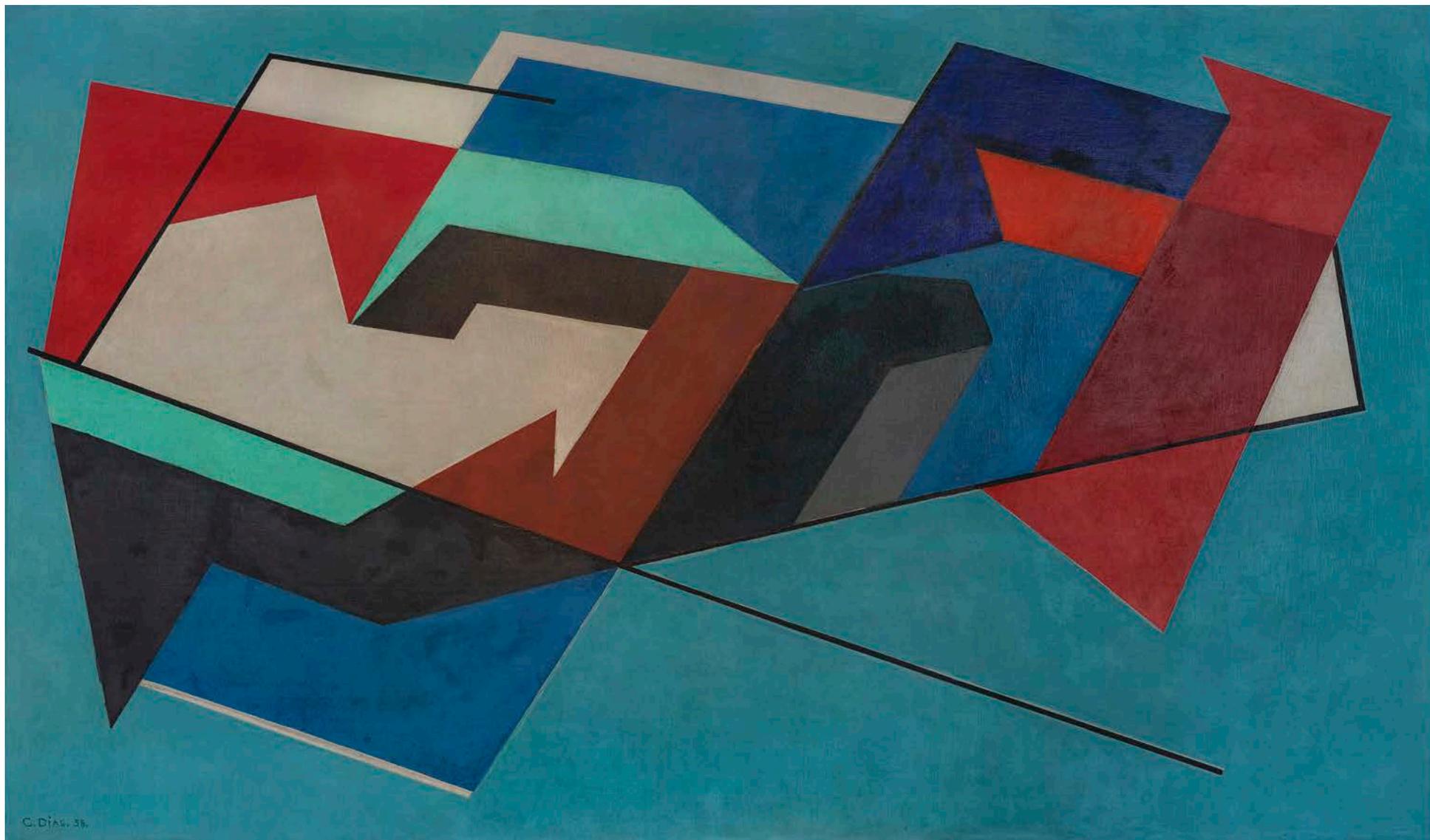




Musicalidade, déc. 1940
Óleo sobre tela
73 x 92 cm
Coleção Nikita Lukin, São Paulo, SP

Abstrato, 1964
Óleo sobre tela
65 x 54 cm
Coleção Marcos Ribeiro Simon, São Paulo, SP





Elã, 1958
Óleo sobre tela
113 x 194 cm
Coleção Katy de Almeida Braga, Rio de Janeiro, RJ



Reminiscências

Na década de 1960, Cícero Dias voltou à figuração. É um retorno nostálgico à sua juventude e às lembranças do Recife. Nessas obras, Cícero resgata o imaginário lírico, permeado de memórias e referências de sua terra natal. Mas o faz em outro diapasão, incorporando as suas descobertas ao longo da vida.

Resgata a delicadeza das mulheres sonhadoras e esvoaçantes dos anos 1920, mantém os traços largos e a audácia colorística dos anos selvagens, e apoia essas imagens na estrutura geométrica de sua abstração. Essa vertente, que pintará até o final de sua vida, tem sabor mais doce, como fruta madura. O núcleo reúne obras produzidas entre os anos 1950 e 1980.

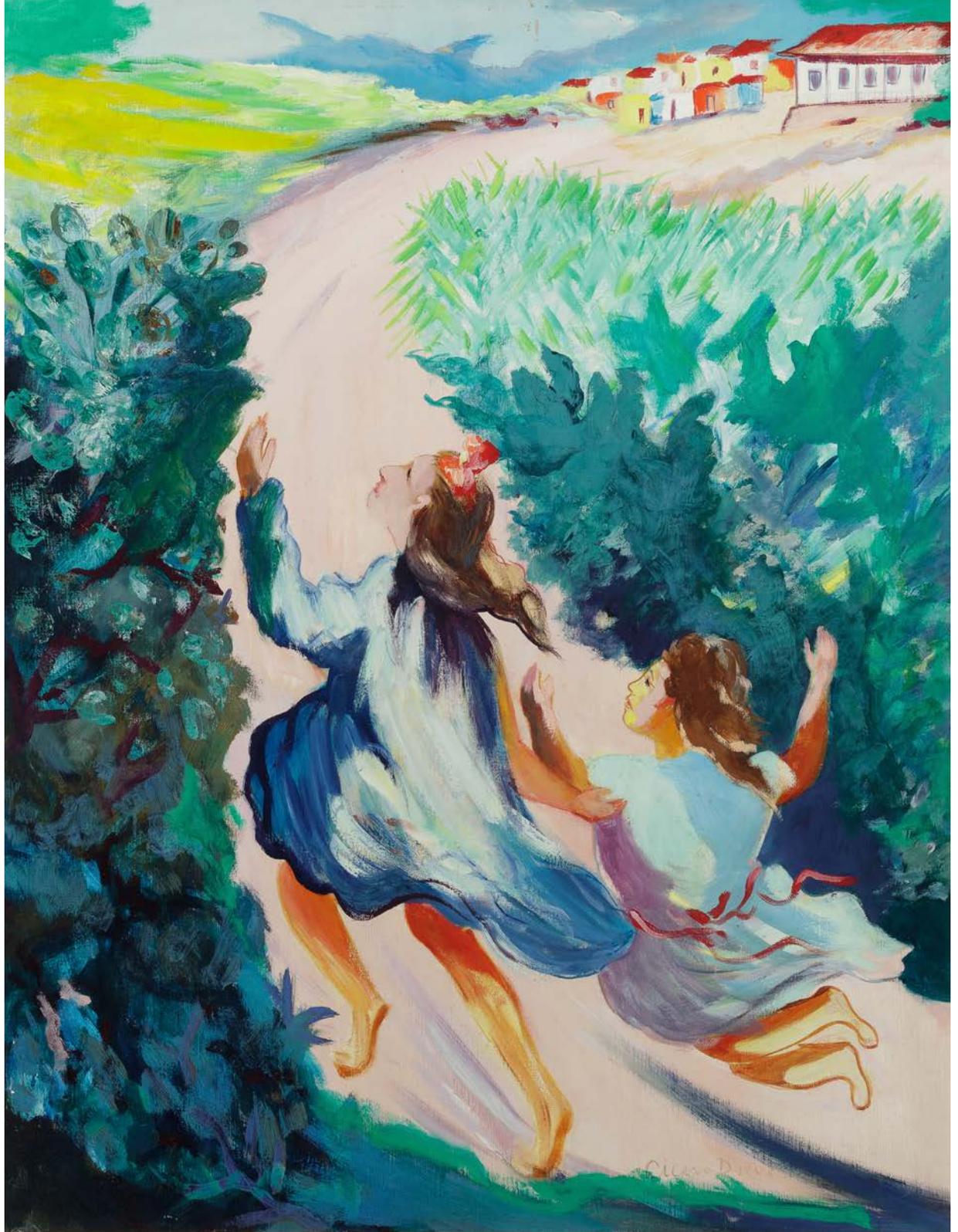
Nostalgia, déc. 1950 (detalhe)

Nostalgia, déc. 1950
Óleo sobre tela
72 x 92 cm
Coleção Instituto São Fernando,
Vassouras, RJ

Na obra aqui apresentada o artista rememora uma festa de família ao ar livre, com mesa farta e muita música. Ao fundo, uma igreja branca pousa sobre a colina de areia muito clara, tendo no seu flanco uma fileira de casas coloridas recortadas sobre o mar. Todos os elementos caros ao artista se reúnem nesse trabalho que tem o título de *Nostalgia*. Mas, como observa o crítico Mário Hélio Gomes de Lima: "é uma nostalgia pura, fresca, como alguém que reencontrasse o paraíso do passado. Não são pontos de fuga, mas de encontro. O artista constrói um espaço mítico em que o tempo se apoia. E em que as figuras se banham nas cores mais calmas e cálidas, que pode reunir a paleta cada vez mais luminosa do pintor."



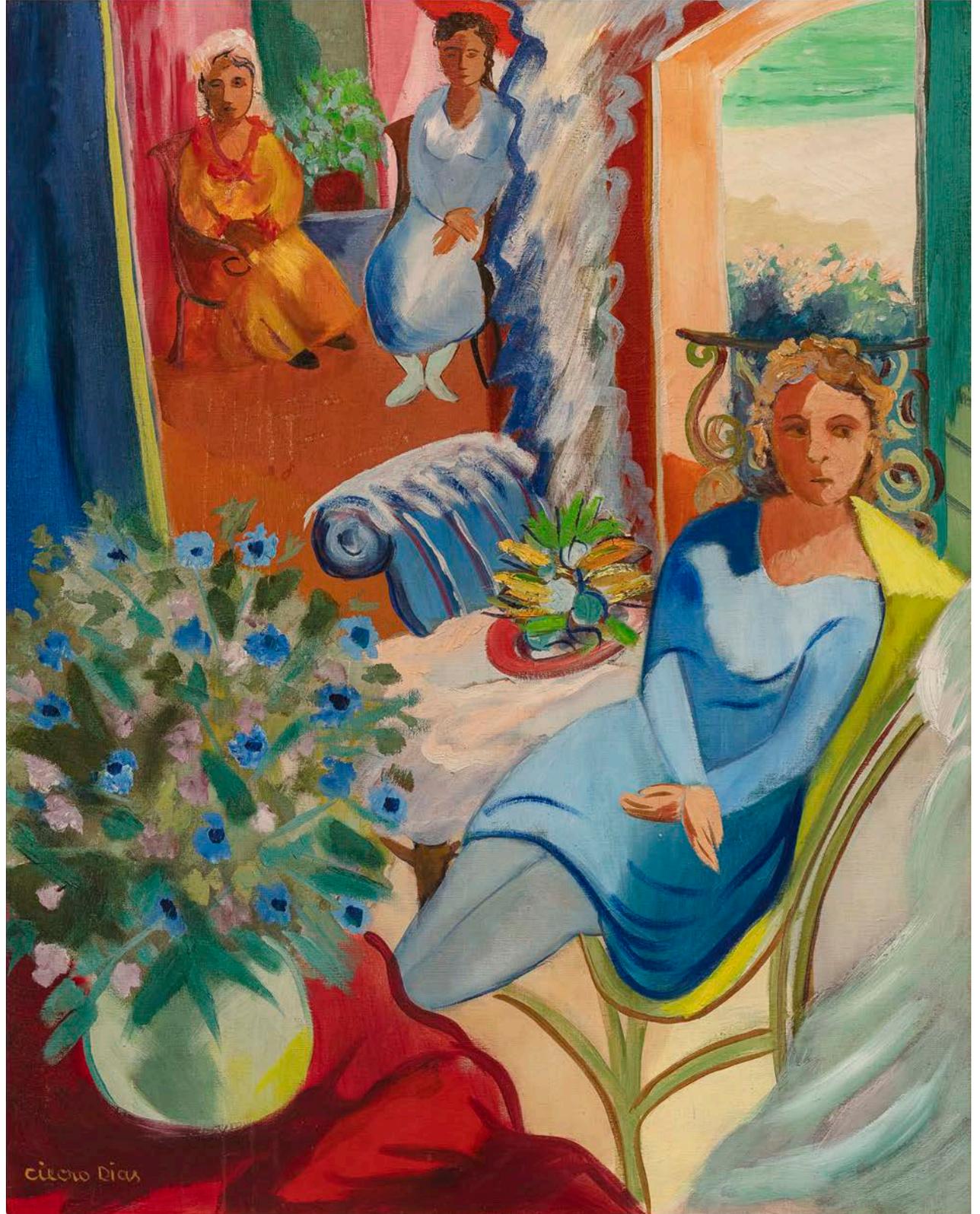
Caminho da vida, déc. 1950
Óleo sobre tela
92 x 73 cm
Coleção Leonel Kaz, Rio de Janeiro, RJ



Maternidade, déc. 1950
Óleo sobre tela
92 x 73 cm
Coleção particular, Curitiba, PR

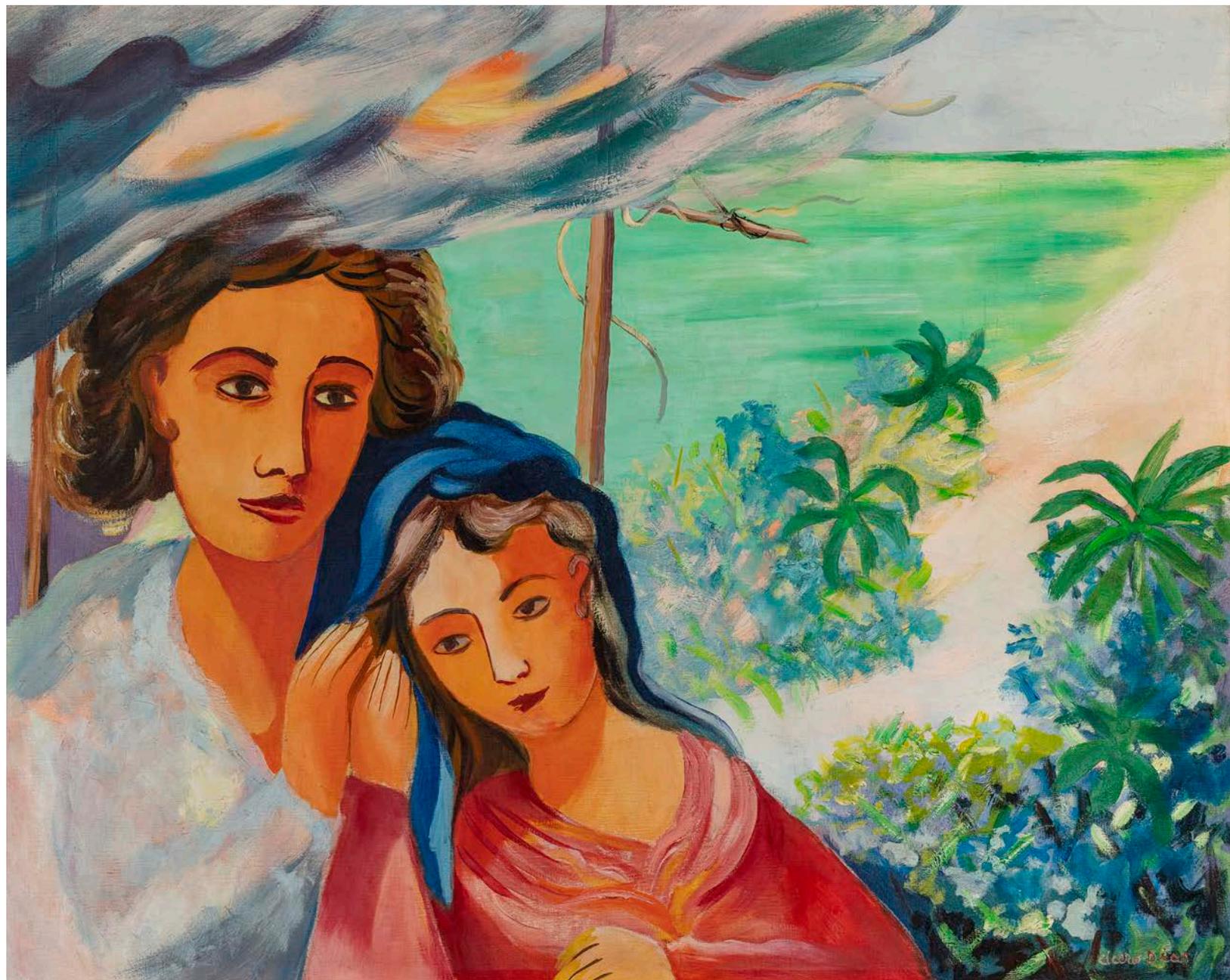


Figuras, déc. 1960
Óleo sobre tela
81 x 65 cm
Coleção particular, Rio de Janeiro, RJ



Infância em Boa Viagem, 1960
Óleo sobre tela
92 x 73 cm
Coleção Beatriz e Fernando Xavier
Ferreira, Curitiba, PR





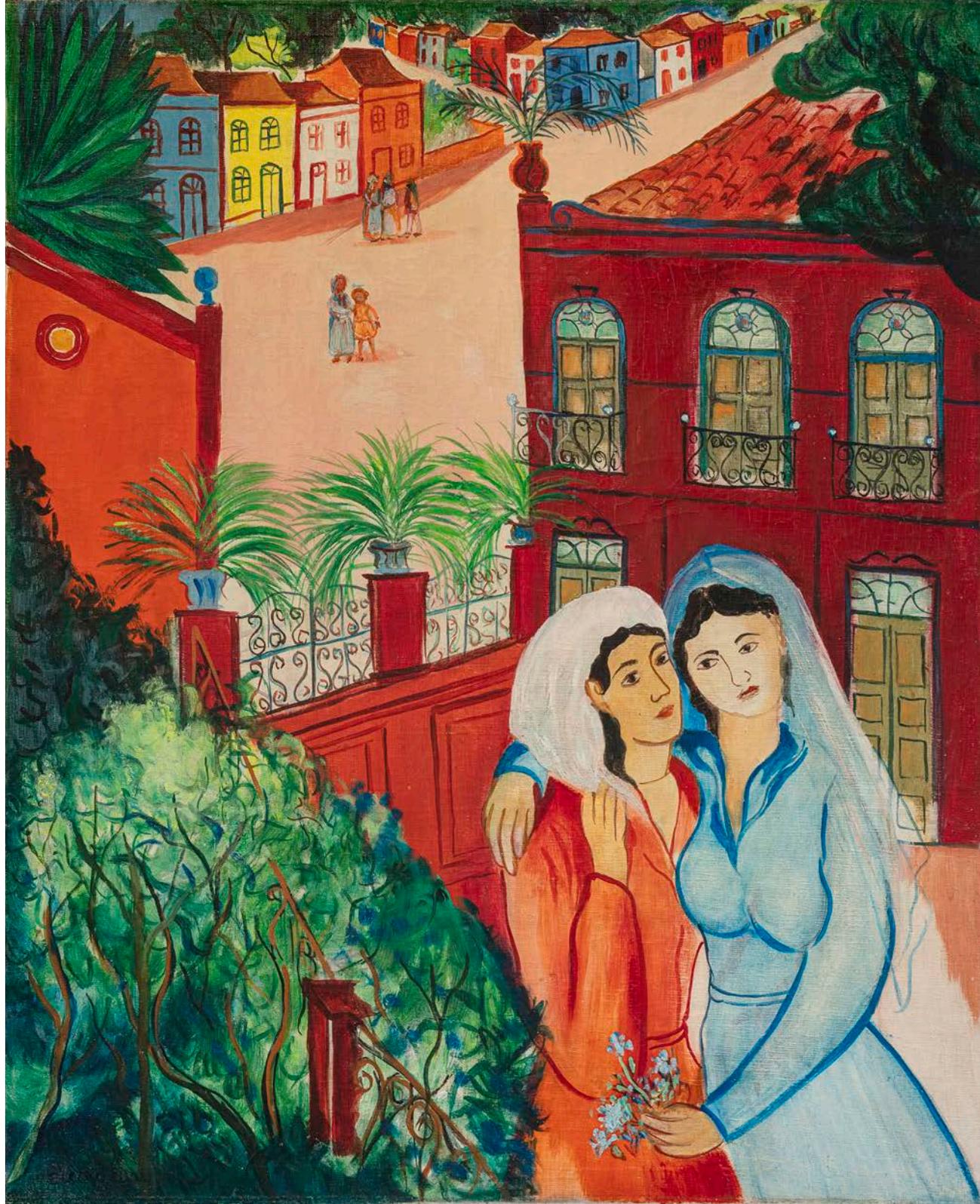
Figuras com mar ao fundo, déc 1960
Óleo sobre tela
73 x 92 cm
Coleção Brigitte e Leonardo Fausto
Zipf, Jaraguá do Sul, SC



Vaso de flor, figuras e casario, déc. 1960
Óleo sobre tela
92 x 73 cm
Coleção Ivani e Jorge Yunes, São Paulo, SP

Sem título, s.d.
Óleo sobre tela
73 x 60 cm
Coleção Marcos Ribeiro Simon, São Paulo, SP

Nesse retorno à figuração, Cícero resgata o imaginário lírico que permeou o início de sua trajetória artística, repleto de memórias e referências pessoais. Contudo, suas narrativas assumem uma maturidade evidente, revelando-se menos fantasiosas e mais refinadas em sua construção. No primeiro plano, duas figuras femininas compartilham confidências em um momento de cumplicidade. Suas formas mantêm a fluidez característica das obras iniciais do artista, mas agora contrastam com um fundo sólido e estruturado. O casario, com sua geometria precisa, reflete o domínio técnico que Cícero aprimorou durante sua incursão no abstracionismo. Essa solidez dialoga com a leveza das figuras, estabelecendo um equilíbrio dinâmico na composição. A distribuição dos planos sugere uma perspectiva que conduz o olhar ao fundo da rua, instaurando uma sensação de profundidade.



Alegria, déc. 1970
Óleo sobre tela
100 x 81 cm
Coleção Raphael de Mendonça,
Rio de Janeiro, RJ



Recife antigo, déc.1970
Óleo sobre tela
92 x 73 cm
Coleção particular, São Paulo, SP

Nessa obra, Cícero Dias leva para outro formato a simultaneidade que sempre apreciou. Aqui, ele coloca, ao mesmo tempo, o passado e o presente de forma surpreendente. Embora nitidamente separados, os dois planos são contíguos e contínuos, exatamente como é o tempo de nossa vida. Plena de luminosidade, a pintura contrapõe as nuances sinuosas das águas do rio, à vegetação exuberante e às cores densas e compactas do casario, criando uma harmonia visual e emocional que parece ecoar o percurso artístico do pintor.





Canoeiro, déc.1980
Óleo sobre tela
100 x 81 cm
Coleção particular, Curitiba, PR





de idade



CÍCERO DIAS (1907-2003)

Cronologia



Casa Grande do Engenho Jundiá, Pernambuco (1907)



Cícero Dias com 1 ano de idade (1908)

Cícero Dias em sua Primeira Comunhão (1915)

Cícero Dias no Rio de Janeiro (1928)

1907

Cícero Dias nasce em 5 de março no Engenho Jundiá, município de Escada, em Pernambuco. É o sétimo dos 11 filhos do casal Pedro dos Santos Dias e Maria Gentil de Barros Dias. Começa a pintar aos 9 anos, sob a orientação de uma tia materna.

1920

Vai morar no Rio de Janeiro, como aluno interno do Colégio São Bento.

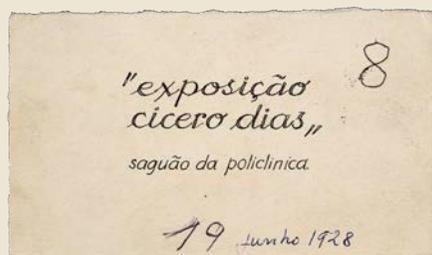
1925

Ingressa nos cursos de pintura e arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes.

1926

Di Cavalcanti é o primeiro modernista a se aproximar dele. Conhece Ismael Nery, Murilo Mendes, Graça Aranha, Manuel Bandeira, entre outros artistas do Rio de Janeiro.

Liga-se aos intelectuais do movimento regionalista que ocorre no Recife, em resposta à Semana de Arte Moderna de 1922.



Cícero Dias em sua exposição na sede da Policlínica, Rio de Janeiro (1928)

A intelectualidade carioca comparece à abertura da exposição na Policlínica, Rio de Janeiro (1928)



Cícero Dias fotografado por Mário de Andrade (1929)

Cícero Dias, Sra. Antonio de Alcantara Machado, Manuel Bandeira e Mário de Andrade (c. 1929)

1928

Realiza sua primeira exposição no Rio de Janeiro, na sede da Policlínica, durante o I Congresso de Psicanálise da América do Sul. Di Cavalcanti proclama Cícero Dias como "o novo valor da pintura brasileira". Abandona a Escola Nacional de Belas Artes para se dedicar exclusivamente à pintura.

Colabora com a *Revista de Antropofagia*, criada por Oswald de Andrade.

1929

Mário de Andrade realiza expedição ao Nordeste e Cícero é seu guia e anfitrião em Pernambuco. O escritor conhece o frevo, o maracatu, as feiras e as comidas típicas. Expõe na cidade de Escada, Pernambuco, com conferência de Mário de Andrade.

1930

Expõe na mostra *The First Representative Collection of Paintings by Brazilian Artists*, no Roerich Museum de Nova York, com Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Guignard, Di Cavalcanti, Ismael Nery, Antônio Gomide, entre outros.

1931

Participa do Salão Revolucionário da Escola Nacional de Belas Artes, organizado por Lúcio Costa, com a obra *Eu vi o mundo... ele começava no Recife*. Com 15 metros de comprimento e realizado em papel kraft, o painel pleno de imagens oníricas, se destaca entre as obras e causa grande escândalo.

Recebe o Prêmio Graça Aranha de pintura, juntamente com Rachel de Queiroz (literatura) e Murilo Mendes (poesia).



Obra *Eu vi o mundo... ele começava no Recife* (1931)



Gilberto Freyre e Cícero Dias no Rio de Janeiro (1932)



Menu de jantar de Cícero Dias e amigos, Olinda (1933)



1933

Ilustra *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre. Realiza os figurinos para o balé *Maracatu de Chico Rei*, com música de Francisco Mignone, argumento de Mário de Andrade e coreografia de Maria Olenewa.

1934

Realiza os figurinos e a cenografia para o balé *Jurupari*, de Villa-Lobos, com coreografia de Serge Lifar, apresentado no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

1937

Expõe no 1º Salão de Maio, em São Paulo, organizado por Flávio de Carvalho.

Perseguido pela ditadura de Vargas, Cícero Dias decide viajar a Paris, incentivado por Di Cavalcanti. Obtém um cargo junto à Embaixada do Brasil na França. Aproxima-se dos pintores franceses Georges Braque, Fernand Léger e Henri Matisse, e torna-se amigo de Pablo Picasso.



Noêmia Mourão, Di Cavalcanti e Cícero Dias em Paris (1937)



Cícero Dias em seu ateliê em Paris (1938)



Foto de Picasso, feita por Man Ray, dedicada a Cícero Dias (1950)



Conhece Raymonde, sua futura esposa, em Paris (1941)

1938

Realiza sua primeira exposição individual em Paris, na Galerie Jeanne Castel, com grande sucesso. Expõe no 2º Salão de Maio, em São Paulo, e na Galerie Billiet, em Paris.

1939

Expõe no 3º Salão de Maio em São Paulo, que conta com a participação de Alberto Magnelli, Alexander Calder, Josef Albers, entre outros. Participa da exposição *Latin American Exhibition*, no Riverside Museum de Nova York.

Tem início a Segunda Guerra Mundial. Nesse período, Cícero Dias frequenta assiduamente o ateliê de Picasso. Participa com Di Cavalcanti, Noêmia Mourão, Francis Carco, Léon-Paul Fargue e Charles Trenet das transmissões da *Radiodiffusion nationale* destinadas à América do Sul.

1941

Conhece Raymonde, sua futura esposa, em Paris.

Envia obras para o Salão de Arte da Feira Nacional da Indústria, no Rio de Janeiro.

Em agosto, é enviado para Baden-Baden, com um grupo de diplomatas e funcionários do governo brasileiro, para uma troca de prisioneiros alemães detidos no Brasil. Após meses de negociações, o grupo acaba sendo libertado com a condição de retornar ao Brasil.



Cícero Dias e Raymonde em Marseille (1942)



Cícero Dias em Baden-Baden, Alemanha (1942)

1942

Cícero Dias retorna clandestinamente à França e se instala em Vichy, para esperar a vinda de Raymonde, conforme haviam combinado por carta. Raymonde foge sozinha de Paris e consegue passar para a zona livre, seguindo ao encontro de Cícero.

Enquanto ainda estava em Baden-Baden, Cícero correspondeu-se com o amigo e poeta Paul Éluard, que lhe pede para levar para fora da França uma publicação contra os nazistas. O casal vai ao encontro de Louis Parrot, que lhes entrega a publicação *Poesie et Vérité*, de Éluard. No dia da invasão da zona livre pelos alemães, eles partem no último trem para a Espanha. Apesar do perigo, decidem tentar atravessar a fronteira e seguir para Lisboa.

Por meio de contatos com a Embaixada da Inglaterra em Lisboa, Cícero Dias consegue fazer chegar às mãos do pintor e poeta Roland Penrose o poema *Liberté*, de Paul Éluard. É assim que esse grito de liberdade é lançado aos milhares pelos aviões ingleses da Royal Air Force sobre o solo francês.

1943

Cícero e Raymonde casam-se em 23 de dezembro, na Basílica da Estrela, em Portugal, e decidem permanecer em Lisboa. Cícero relaciona-se com artistas e escritores portugueses, como Almada Negreiros, Adriano de Gusmão, Casais Monteiro, Carlos Botelho e Luís Trigueiros, entre outros. Expõe e é premiado em Lisboa e no Porto.



Expõe no Porto, Portugal (1943)

1944

Participa da mostra *Modern Brazilian Art*, na Royal Academy of Arts, em Londres, com apresentação de Ruben Navarra e Sacheverell, em benefício da Royal Air Force.

Ilustra a obra de Camões, *Ilha dos amores*.

1945

Cícero Dias retorna à França. Liga-se ao grupo abstrato Espace, da Escola de Paris.

É o primeiro artista brasileiro a realizar obras abstratas.

1946

Participa de exposição na Galerie Denise René e de várias coletivas ao lado de Kandinsky, Robert e Sonia Delaunay, Mondrian e Vasarely, entre outros.

Participa da *Exposition Internationale d'Art Moderne*, organizada pela UNESCO em Paris.

1948

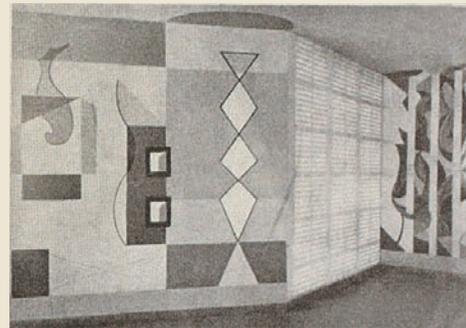
Vem para o Brasil e pinta os primeiros murais abstratos da América Latina, para a atual Secretaria da Fazenda, no Recife.

Viaja pelo Nordeste do Brasil, com Rubem Braga, Mário Pedrosa, Orígenes Lessa, José Lins do Rego e, posteriormente, com Léon Degand.

Na França, participa da exposição *L'art mural*, no Palácio dos Papas, em Avignon, e das mostras *Sculptures et peintures contemporaines* e *Tendances de l'art abstrait*, na Galerie Denise René, Paris.



Cícero Dias em seu ateliê em Paris (1951)



Mural da Secretaria da Fazenda no Recife, Pernambuco (1948)



Vistas da exposição inaugural do Museu de Arte Moderna de São Paulo, *Do figurativismo ao abstracionismo* (1949)



Max Bill e Cícero Dias na Suíça (1950)



Cícero Dias, Picasso e sua filha, Sylvia Dias (1951)



Convite para a exposição *Tendances de l'art abstrait*, na Galerie Denise René, Paris (1948)

1949

É publicada em Paris o livro *L'art abstrait, ses origines, ses premiers maîtres*, de Michel Seuphor, que inclui Cícero Dias.

Criação da revista *Art d'Aujourd'hui*. O primeiro número traz um artigo de Michel Seuphor dedicado aos murais, com reproduções de pinturas de Kandinsky, Le Corbusier e Cícero Dias.

Tem obras apresentadas na exposição inaugural do Museu de Arte Moderna de São Paulo, *Do figurativismo ao abstracionismo*. Somente três artistas ligados ao Brasil participam com obras abstratas: Samson Flexor, russo de nascimento, que aqui se estabelecera em 1948, Waldemar Cordeiro, que até então vivera na Itália, e Cícero Dias – o mais brasileiro do grupo.

1950

Participa da XXV Bienal de Veneza.

1951

Participa do Klar Form, grupo formado, entre outros, por Arp, Calder, Herbin, Le Corbusier, Léger, Poliakov e Vasarely. Eles expõem em Copenhague, Helsinque, Estocolmo, Oslo e Liège em mostra organizada por Denise René e apresentada em Paris no ano seguinte.



Cícero Dias, Luiz Martins, Lasar Segall e Lourival Gomes Machado (1952)



Ciccillo e JK vendo *Guernica* na II Bienal (1953)

1952

Exposição individual no MAM de São Paulo, com prefácio de Sérgio Milliet, e no MAM do Rio de Janeiro, com prefácio de José Lins do Rego.

Participa da exposição *Pintores na nova Escola de Paris*, na Galerie de Babylone. É incluído na publicação *Témoignages pour l'art abstrait*, das edições *Art d'Aujourd'hui*, à qual se segue a exposição na Galerie La Hune, Paris.

Participa da XXVI Bienal de Veneza.

1953

Estada de Cícero Dias em Antibes, onde obtém de Picasso a autorização para expor o painel *Guernica*, na II Bienal Internacional de São Paulo, da qual também participa.

1954

Publicação do segundo álbum de serigrafias, edição *Art d'Aujourd'hui*, Paris.

Exposição do Groupe Espace, em Biot, França.

1955

Participa da exposição *1955 International Contemporary Painting Exhibition*, no Museu de Arte Moderna de Pittsburgh, EUA.

Projeta uma maquete para o Museu Moderno Ideal, com o arquiteto Claude Parent. Em exposição, miniaturas originais dos artistas Arp, Bloc, Bozzolini, Calder, Cícero Dias, Deyrolle, Léger, Magnelli, Mortensen, Pillet, Poliakoff e Vasarely.



Carlos Lacerda e Cícero Dias no Salão Nobre do Copacabana Palace (1964)



Cícero Dias com Jorge Amado e Zélia Gattai na exposição do artista na Galeria Renot, Bahia (1975)



Cícero Dias em Olinda, Pernambuco (1978)

1956

Publicação em Bruxelas da revista *Quadrum*, com artigo de Léon Degand, *L'abstraction dite géométrique*, sobre a pintura de Cícero Dias.

1958

Exposição retrospectiva no MAM da Bahia.

Expõe no Salon de Mai, no Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris.

Participa da exposição *Brasilianischer Künstler*, na Haus der Kunst, em Munique.

1960

Volta à pintura figurativa. Permanecem em seus quadros o clima de sonho e os elementos recorrentes: mulheres, casarios, folhagens, sendo constante a presença do mar.

1965

Sala Especial na Bienal Internacional de São Paulo, com prefácio de Geraldo Ferraz.

1970-1979

Durante a década de 1970, Cícero Dias intensifica seu trânsito entre o Brasil e a Europa, expondo com frequência nos dois continentes. No Brasil, participa de diversas exposições na Galeria Portal (SP), Galeria Ranulpho (PE) e Galeria Renot (BA). Participa ainda de exposições como: *Tempo dos modernistas*, no MAM-SP (1974), *Os Salões* (1976) e *As Bienais e a abstração* (1978), no Museu Lasar Segall, em São Paulo, e *Quatro décadas da pintura brasileira*, no Jockey Club, Rio de Janeiro (1978).



Cícero Dias pintando, em seu ateliê, os painéis da vida de Frei Caneca (1981)

Na Europa, realiza exposição individual no Musée André Malraux, em Le Havre, França, com prefácio de Pierre Restany (1978), participa da mostra *Brésil, artistes du XXème siècle*, Galerie Artcurial, Paris, França (1976).

Dois filmes são realizados sobre Cícero Dias, dirigidos por Luiz Miranda Correia (1976) e por Leonel Kaz, com texto de Rubem Braga (1978).

1980-1989

No Brasil, participa de exposições como *Homenagem a Mário de Andrade*, reunindo artistas brasileiros e estrangeiros, na Galeria Jean Boghici, RJ (1980); *Tradição e ruptura: síntese de arte e cultura brasileiras*, na Fundação Bienal (1984); e *Rio, vertente surrealista*, organizada por Frederico Moraes, na Galeria de Arte Banerj, RJ (1985). Expõe com frequência na Simões de Assis Galeria de Arte, em Curitiba. Instalação dos painéis sobre a vida de Frei Caneca, na Casa da Cultura, antiga Casa de Detenção, Recife (1983).

Na França, toma parte em exposições no Centre Georges Pompidou, Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, Musée d'Art Moderne de Strasbourg, entre outros. Publicada edição da Suite pernambucana, série composta de 25 litografias a partir das aquarelas da década de 1920 (1983). Realiza mostra individual na Galeria Denise René: *Pinturas 1950-1965* (1987).



Mural na Estação Brigadeiro do Metrô de São Paulo



Cícero Dias na praça Vendôme em Paris diante do cartaz de sua exposição na Galerie Marwan Hoss (1994)

1990-1999

Continua a expor com frequência na Simões de Assis Galeria de Arte, em Curitiba. O painel *Eu vi o mundo...* é apresentado no MNBA, Rio de Janeiro (1991). Inaugura mural na Estação Brigadeiro do Metrô de São Paulo, na Avenida Paulista (1991). Participa da mostra *Natureza: quatro séculos de arte no Brasil*, coordenada por Jean Boghici, no CCBB, Rio de Janeiro (1992).

Lançamento do livro *Cícero Dias: os anos 20*, acompanhado de exposição no Salão Nobre do Copacabana Palace Hotel, RJ (1993). Sala especial na Bienal Brasil Século XX, apresentando o painel *Eu vi o mundo...* e os painéis sobre a vida de Frei Caneca (1994). Mostra retrospectiva na Casa França-Brasil, com lançamento do livro *Cícero Dias* (1997).

Participa de diversas exposições internacionais, dentre as quais se destaca: *Arte da América Latina 1911-1968*, que circulou por Espanha, França, Estados Unidos e Alemanha (1991-1992). Realiza várias exposições na Galerie Denise René e na Galerie Marwan Hoss. Exposição do painel *Eu vi o mundo...* em Paris, inaugurada pelo presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, e lançamento do livro *Cícero Dias*, na sede da UNESCO em Paris (1996).

Recebe a comenda Ordem Nacional do Mérito da França na sede da UNESCO em Paris, aos 91 anos (1998).



Praça Marco Zero, no Recife

2000-2002

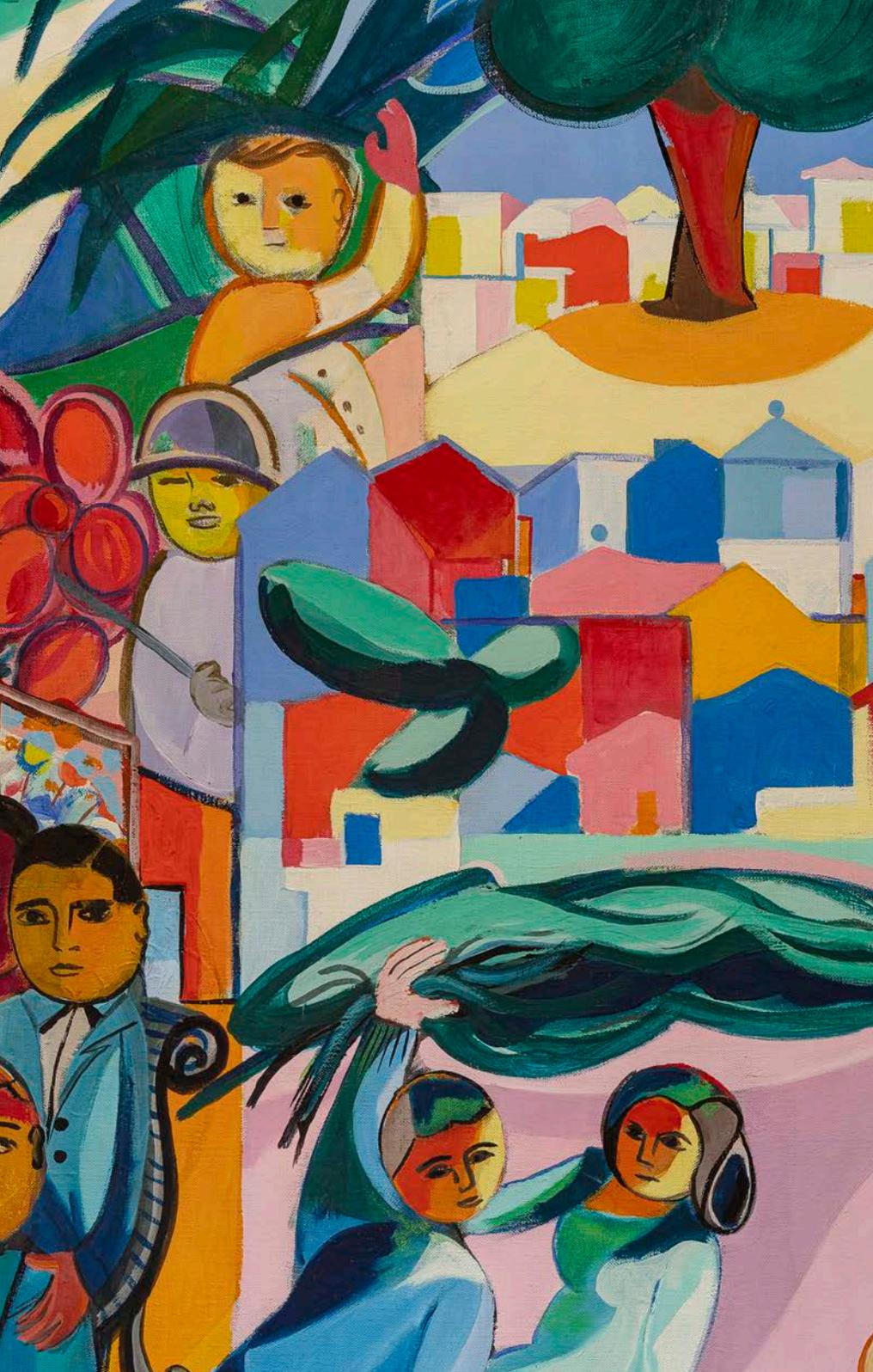
Em seus últimos anos, ainda demonstrando vigor, Cícero Dias participa de alguns eventos importantes, como a *Mostra do redescobrimto: Brasil 500 anos*; inaugura a Praça Marco Zero, na cidade do Recife; e recebe o prêmio Trajetória Artística, da ABCA (2000).

Publicação do livro *Cícero Dias - Uma Vida pela Pintura*, coordenado por Waldir Simões de Assis, com a colaboração de Raymonde e Cícero Dias.



2003

Falece em Paris, no dia 28 de janeiro.
É sepultado no cemitério de Montparnasse.



Farol Santander is proud to present to the public the works of Cícero Dias, an emblematic artist of Brazilian modernism, whose work transcends frontiers and dialogues with international avant-garde. His art, marked by a palette of vibrant colors, reflects the landscapes and culture of the northeast, evoking the lyrical essence of the State of Pernambuco.

The work of Cícero Dias is permeated with constant experimentation and an incessant search for new forms of expression. His participation in international exhibitions and presence in collections of renowned museums attests to the relevance of his contribution to modern art. Throughout his career, Dias maintained a fruitful dialogue between the local and the global, between figurative and abstract, constructing a singular poetic vision that continues to inspire and instigate reflections regarding the identity and universality of art.

This circularity of the artist's work is an approach adopted by curator Denise Mattar, supported by counsel from Sylvia Dias, the artist's daughter. The exhibition presents 42 works that come from private collections and museums, offering the visitor a singular opportunity to see gathered together paintings that are difficult to access and are spread throughout the country.

Cícero Dias died in Paris, in 2003, leaving a legacy that remains alive in the colors and forms that evoke both the tropical heat of his birthplace as well as the sophistication of European avant-garde. His artistic journey is an eloquent testimony to how art can be transformed into a bridge that connects different cultures, times and spaces.

Have a great visit!

Maitê Leite

Institutional Executive Vice-President



Alegria, déc. 1970 (detalhe)

CÍCERO DIAS — *with sugar, with affection*

The atmosphere of the mill was magical. I couldn't escape my fate. Surreal latent, alive, real.

The exhibition Cícero Dias – com açúcar, com afeto (Cícero Dias – with sugar, with affection) is an invitation to penetrate the artist's unique universe, in which the colors and forms converse with childhood memories in an intimate celebration of his birthplace, in Pernambuco. Born in 1907, Cícero Dias made a surprising appearance on the Brazilian artistic scenario in 1928, and, in 1937, he moved definitely to France. Although he lived for 70 years in Paris, where his friends included Pablo Picasso, Paul Éluard and Alexander Calder, among others, Cícero Dias never forgot the Jundiá sugar mill where he was born. This memorable part of his life was echoed in all his work and engendered an entirely original oeuvre that always baffled the critics.

Some of the most important art critics, both in Brazil and in France, wrote about this artist and all of them revealed their fascination, respect, enchantment and perplexity. Manuel Bandeira speaks of the "magical" exhibition of 1928; Mário de Andrade wrote to Tarsila, in 1931, saying that Cícero would "crack the walls" of the National School of Fine Arts; on the occasion of his first exhibition in Paris, at the Galerie Jeanne Castel, in 1938, Frenchman André Salmon called him "a splendidly civilized savage"; Mário Pedrosa, the patriarch of modern Brazilian critics observed, in 1948 "a contradictory and instinctive man"; Pierre Descargues,

a journalist from the France-Culture program, described him, in the presentation of the exhibition at the Galerie Denise René, in 1987, as an artist who was "required by his painting"; brilliant philosopher Pierre Restany saw him as a "misfit, an enemy of imprisoned categories and simplistic extremisms"; but I will reflect upon the analysis made by the late Roberto Pontual, written in 1984, on the occasion of the launch of the *Suíte Pernambucana*, and on that of Phillippe Dagen, the influential art critic of *Le Monde*, written for the exhibition at the Galerie Marwan Hoss, in 1994.

In his text "*Cícero Dias: The Years of Discovery*", Pontual highlights the historical and artistic relevance of Cícero Dias as a central figure of Brazilian modern art, whose work reflects the contradictions and conquests of the XX century. The author analyzes the first years of the artist's production, pondering that during this period he defined the specificity of his visual language and launched the base for his artistic journey. Pontual attributes a fundamental role in the development of this oeuvre to his birthplace and life on the sugar mill in Pernambuco, permeated by sensorial memories and oneiric elements. His early works, such as *Eu vi o Mundo, Ele Começava no Recife* (*I saw the World, it began in Recife*) (1931), summarized a fusion between rural and urban life, the past and the future, dreams and reality, imprinting his contribution to Brazilian modernism. The author positions Cícero as part of a "surrealist triangle" together with Tarsila do Amaral and Ismael Nery, emphasizing his lyrical vision and emblematic exploration of sexuality, love and death. Analyzing the drawings and watercolors of that period, Pontual observes in them the narrative of a "rite of passage", symbolizing the transition from his childhood in Pernambuco to his personal and artistic

maturity. According to the critic, the artist's work is a milestone in the Brazilian art history and should continue to be revisited with admiration and interest.

The first sentence in Philippe Dagen's text for the exhibition *Images au Centre du Songe*, is: "*Cícero Dias is unexplainable*". The author explores the singularity of the artist's work, highlighting its "unclassifiability" in the categories of geography, chronology and genealogy of art, because, though born in Pernambuco and immersed in the modernity of Rio, Dias did not integrate the folkloric elements of Brazil or the direct influences of European modern art, which resulted in works that escape obvious parallels. His creations in the 1920s are described as enigmatic and oneiric, refusing simplistic explanations, whether cultural, psychoanalytical or esoteric. Dagen observes that the complexity and refinement of Cícero Dias' watercolors reject interpretations that link them to hallucinations or trends of the time. An enigma, whose solution could be in the clue given to the critic by Cícero himself: his visions would have originated in a "collective imagery", "a pre-history of art" – a subterranean lake of origins, where myths, obsessions and universal fantasies are found. Dagen concludes that Dias, when plunging into this hidden universe, brought forth unforgettable images of his brief journey to the "center of the dream".

Both critics reiterate the singularity of Cícero's work and, especially, the founding moment that is present in all his work, even when it reflects the "contradictions and conquests of the XX century". A truly original artist, who, during his long and prolific career, remained, as few, faithful to himself, and who always dared to do as he wished, unafraid of criticism. Thus, he transitioned

from watercolors to oil, from cathartic synchronism to memorialist records, from the “Fauve” explosion to surrendering the figure, from full abstraction to stains, and, then, his return to figurative art.

In 2002, writer Mário Hélio Gomes de Lima, a member of the Academia Pernambucana de Letras, in his text, Cícero Dias – Uma vida pela pintura (Cícero Dias- A life for painting) reflected on the tenderness and harmony present in the final production of Cícero Dias. In the text he highlights the balance between the exuberance and serenity of the female figures, who evoke idealized freshness and purity. The author identifies in these compositions a search for clarity and purification. Far from the turbulence of the war and the avant-garde years, Dias achieves a state of release, translated in balanced forms and colors that evoke classical harmony and nobility. The subtle use of light and color grant serene elegance to the figures that are reminiscent of the medieval ideals of beauty such as consonantia (harmony) and claritas (illumination). For the author, the result is a painting that, though modern, is timeless, and reflects the artist’s interior world.

The journey of Cícero Dias, however, does not occur in a straight line, but is circular. It begins with the oneiric watercolors from the 1920s, goes through the memorialist paintings of the 1930s, follows a surrealist moment in the 1940s, exercises abstraction between the 1950s and 60s, and then returns to his memories of childhood and adolescence on the same nostalgic key of the 1930s, with the surrealist accents of the 1920s and the structural conquests of abstraction. The exhibition maintains this circularity, creating a reading that is not stagnant, but simultaneous and crisscrossing. The 42 works that comprise this exhibition came from São Paulo, Rio de Janeiro and Curitiba,

from some of the most important institutions in the country, such as Santander Brasil, SP, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, RJ, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Museu de Arte Brasileira da FAAP, SP, Instituto São Fernando, RJ, and from important private collections. We are grateful to all of them.

For a better understanding by the public, the exhibition has been divided into nuclei, Sonhos (Dreams) presents the watercolors from the 1920s, Recordações (Memories) brings his production from 1930 to 1939, Novos Caminhos (New Paths) is a parenthesis that shows his discovery of abstraction, which he produced from 1940 until the end of the decade of 1950. Reminiscências (Reminiscences) brings together a set of works created between 1950 and 1980, closing the exhibition. Each of these nuclei is detailed in this catalogue, accompanied by the images of the works.

We reiterate that this exhibition is not a retrospective, but a curatorial cutout, a celebration of the sweet and affectionate aspect of Cícero Dias, who never stopped being, in essence, a boy from the sugar mill. An artist who built a bridge between the depths of Brazil and Paris, and who kept alive the heartbeat of his birthplace, making the Jundiá sugar mill echo in the heart of the European avant-garde. With each stroke, Cícero Dias invites us to dream, to revisit our own origins and to discover, in our deeply personal memory, something that is universal and eternal.

Denise Mattar

Curator

Dreams

*In 1928, Cícero Dias held an exhibition of watercolors at the Policlínica, in Rio de Janeiro, that was attended by all the carioca intellectuals. The artist presented a type of work that followed none of the esthetic lines of the time: it was neither cubist nor impressionist, nor expressionist. It caused a commotion that turned into a scandal when, at the Salon of 1931, Cícero showed his work *Eu vi o mundo... e ele começava no Recife* (I saw the world... and it began in Recife).*

Lyrical, aggressive, chaotic, sensual, poetic and exciting, the work of Cícero Dias at this time was different from anything that was then being produced. He shook all our incipient modernists, stunned by the power, oddness and spontaneity of Cícero's work. This nucleus presents the works produced between 1925 and 1933, including some that have never been shown before.

Memories

Between 1930 and 1939 the production of Cícero Dias is more lyrical, directed at the memories of his childhood in Engenho Jundiá. He begins to use paints, and the change from watercolors to oil painting interferes in the artist's production process making it more narrative, static and constructed. He also creates a counterpoint to his rural memories, showing the urban recollections of a young Cícero in Recife. The colonial houses leaning toward the sea, the homes and their interiors, the gardens with romantic couples...

*Mainly comprising oil paintings, this nucleus presents the watercolors *Os senhores das terras* (The lords of the land), *Freiras e Meninas* (Nuns and Girls), and the famous water colored lithograph that illustrated the first version of Gilberto Greyre's *Casa Grande e Senzala* (The Masters and the Slaves).*

New paths

After being freed, Cícero Dias travels to Lisbon and he and Raymonde decide to get married and to live in Portugal. During this stay, Cícero's work undergoes a radical change. It is a period of transition, in which a euphoric and savage Cícero exorcizes the ghosts of a still unfinished war. He simplifies his drawing, using rough strokes with unusual and loud colors, and intense and bright tones. It is also the moment when he creates multiple superimposed images, including new visual elements and blurring the frontiers between figurative and abstract. With this study, he becomes the first Brazilian artist to work along this line.

In 1948, Cícero Dias carries out a series of abstract mural paintings in Brazil that are considered the first in Latin America. Welcomed with enthusiasm in Europe, Cícero joins the Espace group, exhibiting at the important Galerie Denise René. This phase of the artist's work is not the main focus of the exhibition.

Reminiscences

In the decade of 1960 Cícero Dias returns to figurative art. It is a nostalgic return to his youth and to his memories of Recife. In these works, Cícero brings back the lyrical imagery, permeated by memories and references of his birthplace. But he does this with another pitch, incorporating the discoveries of his lifetime.

He recovers the delicacy of dreamy and vaporous women of the 1920s, maintaining wide lines and audacious colors of the wild years, and supports these images with the geometric structure of his abstraction. This line, that he would paint until the end of his life, has a sweeter flavor, like a ripe fruit. The nucleus brings together his works produced between 1950 and 1980.

CÍCERO DIAS (1907-2003)

Chronology

1907

Cícero Dias is born on March 5th, on the Engenho Jundiá, in the municipality of Escada, in Pernambuco. He is the seventh of eleven children born to Pedro dos Santos Dias and Maria Gentil de Barros Dias. He begins to paint when he is 9 years old, with the guidance of a maternal aunt.

1920

At thirteen he goes to live in Rio de Janeiro and studies at the São Bento boarding school.

1925

Enrolls in painting and architecture courses at the National School of Fine Arts.

1926

Di Cavalcanti is the first modernist to approach him. He meets Ismael Nery, Murilo Mendes, Graça Aranha and Manuel Bandeira, as well as other modernists from Rio de Janeiro.

He joins the intellectuals from the regionalist movement that is occurring in Recife, in response to the Week of Modern Art of 22.

1928

Holds his first exhibition in Rio de Janeiro, at the headquarters of the Policlínica, during the I Congress of Psychoanalysis in South America. Di Cavalcanti acclaims Cícero Dias as "the new value of Brazilian painting".

He abandons the National School of Fine Arts to dedicate himself exclusively to painting.

Collaborates with the Revista Antropofagia, created by Oswald de Andrade.

1929

Mário de Andrade joins an expedition to the Northeast and Cícero is his guide and host in Pernambuco. The critic becomes acquainted with the Frevo, the Maracatu, the markets and foods. He exhibits his work in the city of Escada, in Pernambuco, with a conference given by Mario de Andrade.

1930

Exhibits his work at The First Representative Collection of Paintings by Brazilian Artists, at the Roerich Museum of New York, with Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Guignard, Di Cavalcanti, Ismael Nery and Antônio Gomide, among others.

1931

Participates in the *Salão Revolucionário (Revolutionary Salon)* of the National School of Fine Arts, organized by Lúcio Costa with his *Eu vi o mundo... ele começava no Recife (I saw the world... it began in Recife)*. Fifteen meters long and produced on Kraft paper, this panel, filled with oneiric images stood out among the other works and caused great scandal. Receives the *Graça Aranha Award* for painting, together with Rachel de Queiroz (for literature) and Murilo Mendes (for poetry).

1933

Illustrates *Casa Grande & Senzala (The Masters and the Slaves)*, by Gilberto Freyre. He produces the costumes for the ballet, *Maracatu de Chico Rei*, with music by Francisco Mignone, script by Mário de Andrade and choreography by Maria Olenewa.

1934

Produces the costumes and scenery for the *Jurupari* ballet, with music by Villa-Lobos and choreography by Serge Lifar, presented at the Municipal Theater of Rio de Janeiro.

1937

Exhibits his work at the *1st Salão de Maio (First May Salon)*, in São Paulo, organized by Flávio de Carvalho. Persecuted by the Vargas dictatorship, Cícero Dias decides to travel to Paris, encouraged by Di Cavalcanti. He obtains a position at the Brazilian Embassy in France. He approaches French painters Georges Braque, Fernand Léger and Henri Matisse, and becomes a friend of Spanish painter Pablo Picasso.

1938

Holds his first solo exhibition in Paris, at the *Galerie Jeanne Castel*, which is a huge success. He exhibits his work at the *2nd Salão de Maio (Second May Salon)*, in São Paulo, and at the *Galerie Billiet*, in Paris.

1939

Exhibits his work at the *3rd Salão de Maio (Third May Salon)*, in São Paulo, which includes the participation of Magnelli, Calder and Josef Albers, among others. He takes part in the Latin American Exhibition, at the Riverside Museum of Nova York.

The Second World War begins. During this period, Cícero Dias regularly visits Picasso's studio. He participates with Di Cavalcanti, Noêmia Mourão, Francis Carco, Léon-Paul Fargue and Charles Trenet of transmissions on Radiodiffusion Nationale, broadcast to South America.

1941

Meets Raymonde, his future wife, in Paris.

Sends works to the *Salão de Arte da Feira Nacional da Indústria (Art Salon of the National Industry Fair)*, in Rio de Janeiro.

In August, he is sent to Baden-Baden with a group of diplomats and employees of the Brazilian government, to be exchanged for German prisoners being held in Brazil. After months of negotiations, the group is freed, under the condition that they return to Brazil.

1942

Cícero Dias returns undercover to France, and moves to Vichy to await Raymonde's arrival, as agreed in a letter. Raymonde escapes from Paris alone and manages to get to the free zone, traveling on to meet Cícero.

While still in Baden-Baden, Cícero corresponds with his friend, poet Paul Éluard, who asks him to smuggle a publication against the Nazis out of France. The couple meets with Louis Parrot, who gives them Eluard's publication *Poésie et Verité*.

On the day of the invasion of the free zone by the Germans, they catch the last train to Spain. Despite the danger, they decide to cross the border and continue on to Lisbon.

Through contacts at the British Embassy in Lisbon, Cícero Dias manages to deliver the poem, *Liberté*, by Paul Éluard, to the hands of painter and poet Roland Penrose. Thus, this cry for freedom was dropped in thousands over French soil by the airplanes of the British Royal Air Force.

1943

Cícero and Raymonde get married at the Basilica da Estrela, in Portugal, on December 23, 1943, and decide to remain in Lisbon. Cícero interacts with Portuguese artists and writers, among whom are Almada Negreiros, Adriano de Gusmão, Casais Monteiro, Carlos Botelho and Luis Trigueiros among others. He exhibits his work and receives awards in Lisbon and Porto.

1944

Participates in the exhibition Modern Brazilian Art, at the Royal Academy of Arts, in London, with an introduction by Ruben Navarra and Sacheverell, in benefit of the Royal Air Force.

He illustrates the work, Ilha dos Amores (Island of Loves), by Camões.

1945

Cícero Dias returns to France. He joins the abstractionist Espace group, from the L'École de Paris. He is the first Brazilian artist to produce abstract works.

1946

Participates in the exhibition at the Galerie Denise René and in several group exhibitions with Kandinsky, Robert and Sonia Delaunay, Mondrian and Vasarely, among others.

Takes part in the Exposition Internationale d'Art Moderne organized by UNESCO in Paris.

1948

Travels to Brazil and paints the first abstract murals in Latin America for what is currently the Treasury Secretariat, in Recife.

Travels throughout the Northeast of Brazil with Rubem Braga, Mário Pedrosa, Orígenes Lessa, José Lins do Rego, and, later, with Léon Degand.

In France, he takes part in the exhibition L'Art Mural, at the Palace of the Popes, in Avignon, and the exhibitions Sculptures et Peintures Contemporaines and Tendances de l'Art Abstrait at the Galerie Denise René, in Paris.

1949

In Paris, the book L'Art Abstrait, ses origines, ses premiers maîtres, by Michel Seuphor, is published and includes Cícero Dias.

The magazine, Art d'Aujourd'hui, is created. In its first edition there is an article by Michel Seuphor dedicated to the murals, with reproductions of paintings by Kandinsky, Le Corbusier and Cícero Dias.

Exhibits works at the inaugural exhibition of the Museum of Modern Art of São Paulo, Do Figurativismo ao Abstracionismo (From Figurative Art to Abstract Art). Only three artists connected to Brazil participate with abstract works: Samson Flexor, who is Russian by birth and moved to our country in 1948, Waldemar Cordeiro, who until then lived in Italy, and Cícero Dias – the most Brazilian of the group.

1950

Participates in the XXV Biennial of Venice.

1951

Is part of the Klar Form, a group constituted, among others, by Arp, Calder, Herbin, Le Corbusier, Léger, Poliakoff and Vasarely. They exhibit their work in Copenhagen, Helsinki, Stockholm, Oslo and Liège, in an exhibition organized by Denise René and presented in Paris the following year.

1952

Holds a solo exhibition at the Museum of Modern Art of São Paulo, with a preface by Sérgio Milliet, and at the Museum of Modern Art in Rio de Janeiro, with a preface by José Lins do Rego.

Participates in the exhibition Peintres de la Nouvelle École de Paris, at the Galerie de Babylone, prefaced by Charles Estienne. He is included in the publication Termoinages pour L'Art Abstrait, in the Art d'Aujourd'hui editions, which is followed by the exhibition at the Galerie La Hune, in Paris.

Takes part in the XXVI Biennial of Venice.

1953

Cícero Dias visits Antibes, where he obtains from Picasso authorization to exhibit the panel Guernica at the II International Biennial of São Paulo, in which he also participates.

1954

The second album of serigraphs in the Art d'Aujourd'hui editions is published in Paris.

Exhibition of the Groupe Espace, in Biot, France.

1955

Participates in the 1955 International Contemporary Painting Exhibition, at the Museum of Modern Art of Pittsburg, USA.

Designs a model for the Museu Moderno Ideal (Ideal Modern Museum) with architect Claude Parent, showing original miniatures by artists Arp, Bloc, Bozzolini, Calder, Cícero Dias, Deyrolle, Léger, Magnelli, Mortensen, Pillet, Poliakoff and Vasarely.

1956

The Quadrum magazine is published in Brussels, with an article by Léon Degand, L'Abstracion dite géométrique, regarding the paintings of Cícero Dias.

1958

A retrospective exhibition at MAM Bahia.

Exhibits his work at the Salon de Mai, at the Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris.

He participates in the exhibition Brasilianischer Künstler, at the Haus der Kunst, in Munich.

1960

Returns to figurative painting. The dreamy atmosphere and recurrent elements remain in his paintings: women, farmhouses, foliage, and the constant presence of the sea.

1965

A Special Room at the International Biennial of São Paulo, prefaced by Geraldo Ferraz.

1970-1979

During the decade of 1970, Cícero Dias intensifies his travels between Brazil and France, frequently holding exhibitions on both continents. In Brazil, he participates in several exhibitions at the Portal Gallery (SP), Ranulpho Gallery (PE), Renot Gallery (BA). He also participates in exhibitions such as Tempo dos Modernistas (Modernist Times) at MAM-SP (1974), Os Salões (The Salons) (1976) and As Bienais e a Abstração (The Biennials and Abstraction) at the Lasar Segall Museum, in São Paulo, and Quatro Décadas da Pintura Brasileira (Four Decades of Brazilian Painting), at the Jockey Club in Rio de Janeiro (1978).

In Europe, he holds a solo exhibition at the Musée André Malraux, in Le Havre, prefaced by Pierre Restany (1978); and participates in the exhibition Brésil, Artistes du XXème Siècle, at the Galerie Artcurial, Paris, France (1976).

Two films are produced about Cícero Dias, directed by Luiz Miranda Correia (1976) and by Leonel Kaz (1978), with texts written by Rubem Braga.

1980-1989

In Brazil, he participates in exhibitions such as Homenagem a Mario de Andrade (Tribute to Mario de Andrade), bringing together Brazilian and foreign artists, at the Jean Boghici Gallery, in Rio de Janeiro (1980); Tradição e Ruptura: Síntese de Arte e Cultura Brasileiras (Tradition and Rupture: a Synthesis of Brazilian Art and Culture), at the Fundação Bienal de São Paulo (Biennial Foundation of São Paulo) (1984); Rio, Vertente Surrealista (Rio, Surrealist Aspect) organized by Frederico Moraes, at the Banerj Art Gallery, in Rio de Janeiro (1985). He frequently exhibits his work at the Simões de Assis Art Gallery, in Curitiba. Panels are installed depicting the life of Frei Caneca at the Casa de Cultura, the former Detention House, Recife (1983).

In France, he participates in exhibitions at the Centre Georges Pompidou, Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, and the Musée d'Art Moderne de Strasbourg, among others. The edition of the Suite pernambucana (Suite from Pernambuco) a series comprising 25 lithographs from watercolors from the decade of 1920 (1983). He holds a solo exhibition at the Galerie Denise René: Pinturas (Paintings) 1950-1965 (1987).

1990-1999

Frequently exhibits his works in Brazil, at the Simões de Assis Galeria de Arte, in Curitiba. The panel Eu vi o mundo... (I saw the world...) is shown at the MNBA, in Rio de Janeiro (1991). Inaugurates a mural at the Brigadeiro underground station in São Paulo, on Avenida Paulista (1991). He participates in the exhibition Natureza: quatro séculos de arte no Brasil (Nature: four centuries of art in Brazil), coordinated by Jean Boghici, at the CCBB, Rio de Janeiro (1992).

Launch of the book Cícero Dias: os anos 20 (Cícero Dias: the twenties), together with the exhibition at the Grand Salon of the Copacabana Palace Hotel, RJ (1993). A special room at the Bienal Brasil Século XX (Biennial Brazil XX Century), presenting the panel Eu vi o mundo (I saw the world...), and the panels regarding the life of Frei Caneca (1994). A retrospective exhibition at the Casa França-Brasil, with the launch of the book Cícero Dias (1997).

Participates in several international exhibitions, among which can be highlighted: Arte da América Latina 1911-1968 (Art in Latin America 1911-1968) that travels through Spain, France, United States and Germany (1991-1992). He holds several exhibitions at the Galerie Denise René and the Galerie Marwan Hoss. Exhibits the panel Eu vi o mundo...(I saw the world...) in Paris, inaugurated by the President of Brazil, Fernando Henrique Cardoso, and the launch of the book, Cícero Dias, at the UNESCO headquarters in Paris (1996).

Receives the National Order of Merit of France, at the UNESCO headquarters in Paris, when he was 91 years old (1998).

2000-2002

During his last years, still strong, Cícero Dias participates in some important events such as the Mostra do Redescobrimento: Brasil 500 anos (Rediscovery Exhibition: Brazil 500 years), inaugurates the Praça Marco Zero (Marco Zero Square) in the city of Recife, and receives the Premio Trajetória Artística (Artistic Trajectory Award) from the ABCA (2000).

Launch of the book Cícero Dias – Uma Vida pela Pintura (Cícero Dias – A Life for Painting) coordinated by Waldir Simões de Assis, with the collaboration of Raymonde and Cícero Dias.

2003

Dies in Paris, on January 28, and is buried in the Montparnasse cemetery.

SANTANDER BRASIL

Presidente • *President*
Mario Leão

Vice-presidente executiva institucional
Institutional Executive Vice-president
Maitê Leite

Head – Experiências & Cultura
Head – Experiences & Culture
Bibiana Berg

FAROL SANTANDER SÃO PAULO

Head – Faróis Santander São Paulo e Porto Alegre
e Coleção Santander Brasil • *Leader – Faróis*
Santander São Paulo and Porto Alegre and
Santander Brasil Collection
Carlos Eugênio Trevis

Especialista – Exposições
Exhibitions – Specialist
Danielle Domingues

Especialista – Eventos
Events – Specialist
Catiuscia Michelin

Especialista – Comunicação
Communication – Specialist
Gustavo Rosa Favaro

Estagiária • *Intern*
Eduarda Souto Silva

Jovem Aprendiz • *Young Apprentice*
Gustavo Almeida da Silva

Gestão Predial • *Building Administration*
Barbara Rema
Mauricio Tadeu de Nobrega
Tools Digital Services

Caio Guimarães
Geany Xavier
Cushman Wakefield

Manutenção Predial e Missão Crítica
Building Maintenance and Critical Mission
Leandro Avelino Dantas
Tools Digital Services

Manutenção Predial
Building Maintenance
Adair Fernando
Andre Luis da Silva Santos
Andre Luis Ribeiro de Andrade
Andre Luiz de Sousa
Antonio Carlos Dias Caetano
Cláudia Ricci
Davi da Silva Santos
Diogo William
Edilson Patricio
Enzo de Lima Lucas
Evandson Vieira
Francisco Wanderson

Giovanni Sanches
Luis Carlos Rodrigues
Mauro Silva Marques
Pedro Atila de Jesus Rocha
In Haus

Rian Pereira Santos
Manserv

Áudio e vídeo • *Audio and video*
Marcelo Nunes
Victor Luis Rodrigues Santos
Empresa SEAL

Coordenadora de assistentes culturais
Coordination of Cultural Assistants
Joelma Lopes da Silva
Sympla

Assistentes culturais • *Cultural Assistants*
Ana Clara Dantas Beserra
Antony Oliveira da Silva
Azeni Lucas dos Santos
Debora Cristina Penha
Ettore Thierry de Lima Leite
Fabiana Santos Minas Monteiro
Fernanda Muniz Damasceno Jorge
Fhayla Marina de Oliveira Xavier
Francielle Aparecida Custódio
Gustavo Silva de Oliveira
Hellen Sousa Gomes de Oliveira
Isabel Santos Limeira da Silva
Leonardo Paixão de Azevedo
Lucas Miguel de Almeida
Mariana Galves Figueiredo
Sympla

Especialista de segurança
Security Specialist
Renato Ferreira dos Santos

Supervisor de segurança
Security Supervisor
Edson Costa
Grupo Espartaco

Inspetor de segurança
Security Inspector
Helio Gonçalves da Silva
Grupo Espartaco

Bombeiros, vigilantes e controladores de acesso
Firefighters, guards and access controllers

Alexandre Antônio da Silva
Alexandre Mariano de Souza
Alex Saraiva Belo
Alisson Gabriel Tavares Pina
Allan Vital da Silva
Ana Claudia da Silva
Anne Caroline B. Carrijo da Silva
Antônio Adryel Martins
Antonio Carlos Pires
Antonio Raimundo C. de Jesus
Beatriz Almeida dos Santos
Carlos Alexandre Jesus
Danilo Pereira Belo
Denis Franciscus Alves Silva
Edson Andre da Silva
Emiliano da Silva
Everaldo Antônio da Silva
Fabiana X. dos S. Nascimento
Felipe Adorno Ikeda
Flavio de Oliveira Lobo
Gerson A. de Melo Oliveira
Gianluca Ribeiro Galli
Gilmar Santana Hipólito
Gilmara Santana
Gleison da Silva Souza
Guilherme Castelo Teixeira
Guilherme Eduardo Oliveira
Iranilson Candido Silva
Jair Alves Pires
Jean Paulo Martins Santos
Jesilene Lopes de Moraes
João Cesar Santos
Josenil Sandes Santos
Juliana Santos da Silva
Leandro Bueno
Leo Jaime Cruz Almeida
Luiz Felipe Correia de Freitas
Luiz Fernando Inacio Silva
Maria Aparecida Pimentel
Mariana Souza Dias
Milton Aleixo de Souza Junior
Nádia Aleixo de Souza
Pedro Cremildo de Souza
Regiane Marrichi Rufino
Rodrigo Faustino Miranda
Ruan Pedrosa Cavalcante

CÍCERO DIAS – COM AÇÚCAR, COM AFETO • CÍCERO DIAS – WITH SUGAR, WITH AFFECTION

Sebastião Arodo de Lima
Sebastião Rabelo da Silva
Sergio Carrara
Sidney Costa de Lima
Sinatiely Lorena da Silva Avelino
Tiago Oliveira de Souza
Ulisses Caetano de Oliveira
Victor Hugo Lima de Souza
Vinicius Alexandre R. Leitão
Vinicius Maturchi Santos
Willian Caetano de Oliveira
Grupo Espartaco

Recepção • *Reception*
Adrieli Batista
Luana Ferreira de Paula
Empresa OSESP Serviços

Coordenação de limpeza predial
Coordination of Building Cleaning Services
Ana Lucia Alves de Sousa
Fabiana Silva de Jesus
Joana Darc
Grupo GPS

Limpeza predial
Building Cleaning Services
Alessandra da Costa
Aline Ferreira Florencio dos Santos
Caio Henrique
Carolina Beatriz
Elizabeth Maria do Nascimento
Gilvan Augustinho
Glauce Beatriz
Jefferson de Oliveira
Jessica da Silva
Jessica Santos de Almeida
Jhonatan Rodrigues Pereira
Joselita Nascimento
Josiane Jesus
Josilda Bispo Pereira
Maria Andressa da Costa Ricardo
Maria Eliane
Nancy Mara
Poliana de Almeida
Raimundo Clerio
Rodrigo Santana
Valdenice Costa
Wesley Serafim
Grupo GPS

Exposição • Exhibition

Curadoria • *Curatorship*
Denise Mattar

Coordenação • *Coordination*
Marcio Gobbi
MG Produções Culturais

Design de montagem • *Exhibition Design*
Guilherme Isnard
Marcio Gobbi

Iluminação • *Lighting*
MMV Montagem Áudiovisual

Produção executiva • *Executive Production*
Izabel Ferreira
Memória Visual Ltda

Produtora associada • *Associate Producer*
Fabia Feixas
Mais Produtora

Design gráfico • *Graphic Design*
Hélio Fukuda
Paulo Humberto L. de Almeida
Ludovico Desenho Gráfico

Assistente de curadoria
Curatorial Assistant
Felipe Barros de Brito

Assistente de produção
Production assistant
Marcel Filipe Silva Pimenta

Fotos e vídeos • *Photos and videos*
Raquel Silva

Revisão de textos • *Proofreading*
Jhony Arai

Tradução de textos • *Translation*
Monica Mills

Museologia • *Museology*
Alice Tischer – Rio de Janeiro
Jessica Petri – Curitiba
RYS Conservação de obras de arte –
São Paulo

Sinalização • *Signaling*
Sign Vision Comunicação Visual
Tipografia Comunicação Visual

Montador • *Assembler*
Jeferson Luiz da Silva
Ricardo Soares da Silva

Pintura • *Painting*
Charles F.P. Simões
Gabriel H. Pereira de Lima
Geovany Pereira de Lima
Marcos Aurélio L. de Oliveira Jr.
Pedro Vinicius Santos
Ruan Santos Silva

Senotécnica • *Senotechnics*
Artos Ltda

Seguro • *Insurance*
Howden Brasil Corretora de Seguros
YLM Seguros S.A.

Logística • *Logistics*
Nilson Lopes

Transportadora • *Shipping Company*
Millenium Transportes e Logística

Assessoria de Imprensa
Press Relations
Marra Comunicação

Catálogo digital • Digital Catalog

Organização • *Organization*
Marcio Gobbi

Texto • *Text*
Denise Mattar

Design gráfico • *Graphic Design*
Paulo Humberto L. de Almeida
Ludovico Desenho Gráfico

Fotos • *Photos*
Felipe Berndt
Fernando Silveira
Jaime Acioli
Romulo Fialdini
Motivo Processamento Imagem e Comunicação

Revisão de textos • *Proofreading*
Jhony Arai

Tradução de textos • *Translation*
Monica Mills

Educativo • *Educational*

Coordenação geral • *General Coordination*
Fabia Feixas
Mais Produtora

Coordenação monitores
Teaching Assistants Coordination
Camila Campos

Monitores • *Teaching Assistants*
Carlos Eduardo de Almeida Barboza
Julio Cirilo
Raquel Torezan
Renan Torquato Godinho

Todas as imagens de obras presentes neste catálogo são licenciadas por: © Dias, Cícero dos Santos/AUTVIS, Brasil, 2025.

Agradecimentos • Acknowledgments

Sylvia Dias Dautresme

Antonio Almeida

Antonio Bias Bueno Guillon

Beatriz e Fernando Xavier Ferreira

Brigitte e Leonardo Fausto Zipf

Bruna Sodré

Carlos Alberto Chateaubriand

Carlos Dale

Carolina Tatani

Cátia Louredo

Celita Procópio de Carvalho

Daniela e Alfredo Egydio Arruda Villela Filho

Erica Schmatz

Flavia e Waldir Simões de Assis Filho

Francis Melvin Lee

Ivani José Kechfi Yunes

James Acácio Lobo Lisboa

James Lisboa

Juliana Rego

Kati de Almeida Braga

Laura Suzana Rodriguez

Leonel Kaz

Luis Antonio de Almeida Braga

Márcia Muller

Marcio Lobão

Marcos André dos Santos Caiado

Marcos Moraes

Marcos Ribeiro Simon

Maria Gripp

Mariana Leão

Mariana Motta

Marta e Paulo Kuczynski

Max Gonçalves Perlingeiro

Nikita Lukin

Pablo Lafuente

Raphael Vianna

Ricardo Simon

Ronaldo Cezar Coelho

Sergio de Oliveira Ribas

Sérgio Fadel Lobão

Silvio Vaz Sallowicz

Sofia Fadel Lobão

Thales Marreti

Vanessa Ferreira Sousa

Viviane Stolk

Coleção Gilberto Chateaubriand

Cromoterápica Administração de Bens Ltda

Galeria Almeida & Dale

Galeria Frente

Instituto São Fernando

Museu de Arte Brasileira – MAB-FAAP

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Paulo Kuczynski Escritório de Arte

Pinakothek Cultural

Simões de Assis Galeria de Arte



Patrocínio



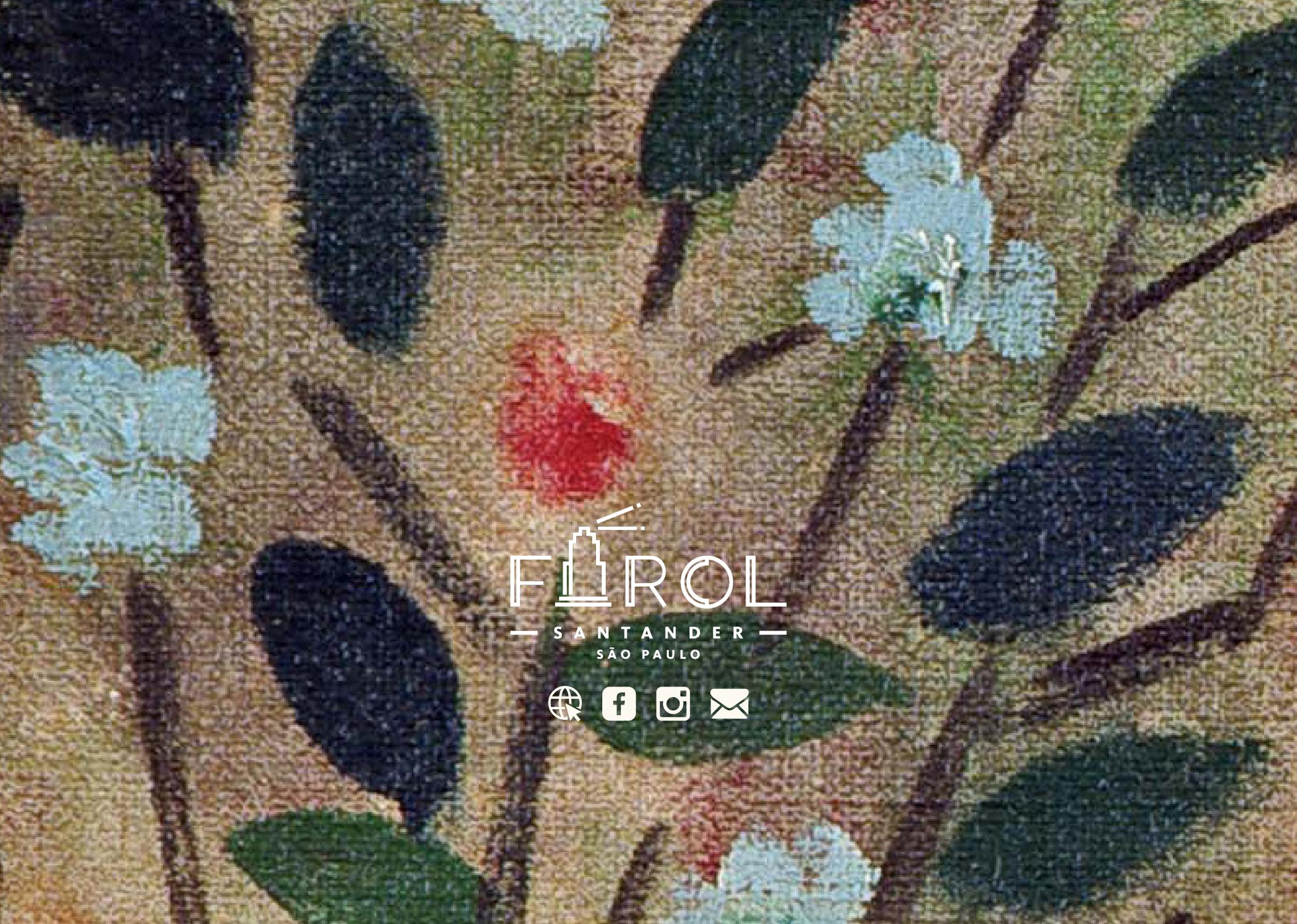
Produção



Realização

MINISTÉRIO DA
CULTURA





FURROL

— S A N T A N D E R —
SÃO PAULO

